

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JULIANA FELIPPE

**A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS
DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

FLORIANÓPOLIS, 2011

JULIANA FELIPPE

**A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS
DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho apresentado à disciplina Seminário de
Conclusão de Curso II (DEF 5875), como requisito para
obtenção do título de graduada em Licenciatura em
Educação Física.

Universidade Federal de Santa Catarina

Orientadora Prof^ª. Luciana Fiamoncini

FLORIANÓPOLIS, 2011

JULIANA FELIPPE

**A DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISÃO DOS/AS ACADÊMICOS/AS
DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho apresentado à disciplina Seminário de
Conclusão de Curso II (DEF 5875), como requisito para
obtenção do título de graduada em Licenciatura em
Educação Física.

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, julho de 2011.

Nota: _____

Prof^a. Dranda. Luciana Fiamoncini (UFSC – Orientadora)

Prof^a. Ms. Verónica A. Bergero (Professora da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis –
Examinadora)

Prof^a. Ms. Julia Terra Denis Collaço (Professora da Rede Municipal de Ensino de
Florianópolis – Examinadora)

*Dedico este trabalho aos meus pais, que
muito me apoiaram e me deram
oportunidades que me fizeram chegar
até aqui.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pela dádiva da vida e por ter me ajudado a manter a fé nos momentos mais difíceis.

Agradeço as pessoas mais importantes da minha vida: Minha Família. Meu pai Azonir (in memória), que me deu muito amor e carinho e hoje é o meu anjo da guarda. “Saudades não significa que estamos longe, mas sim que estivemos juntos”, saudades eternas Pai; minha mãe Luzia, minha conselheira e amiga, que esteve ao meu lado me apoiando e quando necessário “puxando” minha orelha. Mãe, obrigada por todo incentivo e carinho, Te Amo; as minhas irmãs: Jaqueline, Lucilene e Franciele, por todo carinho e paciência que tiveram comigo, vocês sabem que eu as amo. Se em algum momento eu não desisti, conseguindo concluir mais essa etapa da minha vida, o motivo da força foi a ajuda e o apoio de vocês. Sem o carinho de cada um eu não seria o que sou.

Aos meus cunhados, Michel, Thales e Alexandre, pelas vezes que me auxiliaram com o trabalho e também pelas muitas “paciências” que tem comigo.

À turma ingressante em 2007.2 do curso de Licenciatura em Educação Física, pelo companheirismo, pelas risadas, pelas discussões e pelos aprendizados. Aproveitamos e fizemos tudo aquilo que podíamos.

Ainda sobre a turma 2007.2, não poderia deixar de lado as duas pessoas que foram minhas companheiras e verdadeiras amigas: Anna (Ninha) e Gabriela (Bi). Desejo a vocês muito sucesso e felicidade. Espero que nossa amizade continue mesmo tenhamos que seguir caminhos diferentes.

Agradeço à minha querida orientadora, professora Luciana Fiamoncini, muito obrigada pela paciência, ajuda, conselhos e confiança depositadas em mim. Agradeço por contribuir para a minha formação de professora de Educação Física. Desejo a você Lu, que esta nova etapa em sua vida seja imensa de realizações. Muito obrigada e felicidades.

MUITO OBRIGADA!

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar, por meio de um estudo de campo de caráter descritivo, situada numa abordagem de natureza qualitativa, a intenção dos acadêmicos da 8ª fase do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina de trabalhar o conteúdo dança nas aulas de Educação Física na escola. A dança, uma entre muitas práticas da cultura de movimento, deve ser considerada como um possível conteúdo a ser ministrado nas aulas de Educação Física escolar. A pesquisa foi realizada com onze acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, que cursaram as disciplinas de Estágio Supervisionado I e II, obrigatórios no currículo da Licenciatura. Optou-se por estes acadêmicos pelo motivo de já terem cursado os Estágios Supervisionados, pois, acredita-se que o estágio possibilita colocar em “prática” os conhecimentos apreendidos por eles durante o curso. A presença quase que hegemônica dos esportes nessas aulas acaba por dificultar a inserção deste conteúdo nessas aulas. A formação dos professores entra em questão quando se pensa em desenvolver a dança na escola, mais especificamente nas aulas de Educação Física. A partir das entrevistas, pode-se analisar que os acadêmicos justificaram a ausência da dança durante os estágios obrigatórios ou até mesmo nas escolas, pela forte presença dos esportes, pela alegação por questões de formação acadêmica e por questões de gênero.

Palavras-chave: Educação Física; Dança; Formação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	11
3 PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA	13
3.1 A ESPORTIVIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	13
3.2 DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	15
3.3 DANÇA E GÊNERO	19
3.4 PROFESSORES <i>VERSUS</i> FORMAÇÃO	22
4 DIALOGANDO COM OS FUTUROS PROFESSORES	26
4.1 HEGEMONIA DOS ESPORTES	29
4.2 GÊNERO E DANÇA NA ESCOLA	31
4.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES	33
5 SOU PROFESSOR! E AGORA? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	44
APÊNDICE A – Roteiro para entrevista	45
APÊNDICE B – Entrevistas	46

1 INTRODUÇÃO

A dança é um dos elementos da cultura de movimento. Muito antes de existir propriamente, como é conhecida hoje, os homens já dançavam. Garaudy (1980), diz que a dança é celebração, é participação, “é então um modo total de viver o mundo: é, a um só tempo, conhecimento, arte e religião” (p. 16). A dança era assim, vista como a maneira pela qual um povo manifestava sua cultura, “ofertando-a” em agradecimento aos deuses: durante a paz, a guerra, o plantio, a colheita, etc., sendo este o modo encontrado pelo ser humano para expressar seus sentimentos, sentimentos esses que não podiam ser falados, mas sim sentidos e expressados. Ainda segundo Garaudy (1980), “se pudéssemos dizer uma certa coisa, não precisaríamos dança-la” (p. 23). Barreto (2004) afirma que:

[...] dançar é tornar presença em momento e movimento, refletindo imagens e criando formas. O corpo que dança é o próprio ato da expressão, e seu tempo-espaço só pode ser o presente. Dançar é imaginar, fazer e acordar em outros interiores e exteriores seus próprios olhares e imaginações (p. 125-126).

Não somente dançarinos/as vivenciam o “Saber-sentir”¹ pela dança, mas todo aquele se deixa envolver pelos sentidos que a dança proporciona tanto para quem dança como para quem observa.

Apesar de constar na legislação brasileira, mais especificamente na LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) e nos PCN’s - Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), inserida tanto na disciplina de Artes como na disciplina de Educação Física, a presença da dança enquanto conteúdo da Educação Física é algo que ainda não se vê nas escolas, com poucas exceções. Um dos possíveis motivos de não se ter a presença da dança nas aulas de Educação Física pode ser justamente em função dos professores² não se sentirem preparados para ministrar essas aulas. Isto é o que tem mostrado algumas pesquisas como se verá a seguir. Pereira e Hunger (2009), apontam em sua pesquisa que:

A formação em Educação Física precisa proporcionar conhecimentos de dança suficientes para que o futuro professor sinta-se seguro para ensiná-la,

¹ Segundo Kunz (1994, p. 85), o ‘Saber-sentir’ pela dança seria o conjunto dos elementos: espaço, música e o “envolvimento subjetivo dos dançarinos num ‘se movimentar’ natural e espontâneo”, fazendo com que a dança seja um fenômeno de expressão e vivência.

² Durante o texto será utilizada a forma masculina das palavras somente para facilitar o fluxo da escrita e da leitura, mas entende-se que o feminino também está incluso.

e para que se compreenda a dança em termos de suas vivências, possibilidades, conteúdos e objetivos para a Educação Física escolar (p.770).

De acordo com a pesquisa de Silva (2010), os professores de Educação Física consideram a dança como um conteúdo importante a ser ensinado nas escolas, porém quando indagados se trabalham com a mesma como um conteúdo sistematizado, todos responderam não trabalhar. Ainda segundo Silva (2010):

[...] os/as professores/as investigados/as também apresentaram que tiveram a dança em seu curso de graduação em Educação Física, mas que os conteúdos dessa disciplina não foram para eles/as significativos, pois para alguns/umas o contato com a dança em somente um período da graduação, que, em geral, é um semestre, configurado em quatro meses e meio de aula, foi muito rápido, ou, ainda, porque consideram que o conteúdo dança na faculdade poderia ter sido mais ampliado para um melhor aproveitamento deste conteúdo nas escolas (p. 19).

Outro possível problema encontrado pelos professores de Educação Física é a resistência dos alunos. Geralmente quando os professores tentam ministrar uma aula de dança os alunos não aceitam, pois eles têm em mente que Educação Física é somente “jogar bola”. Além disso, precisa-se desconstruir a ideia de que a dança é somente para meninas, pois é arte, é uma cultura de movimento que homens e mulheres, meninos e meninas devem ter a oportunidade de vivenciar.

A graduação possibilitou o contato com a dança diferente do que eu havia experimentado até o momento, ou seja, minha experiência em dança (se assim posso chamar), até o momento havia sido em datas comemorativas na escola. E, foi durante o curso de Educação Física que eu tive a oportunidade de conhecer e vivenciar essa manifestação artística e cultural que faz parte de nossas vidas. Assim, o interesse por este tema surgiu durante o curso de graduação, onde pude identificar que a dança continua “esquecida” da Educação Física escolar. O fato de quase não se presenciar a dança como um conteúdo desta disciplina é algo que me instigou a pensar o porquê deste elemento da cultura de movimento não estar presente nas escolas durante essas aulas.

Algumas pesquisas (SARAIVA *et al.*, 2007a; SILVA, 2010), mostram que a dança, com o passar dos tempos, foi esquecida por se tratar de uma experiência corporal, diferente de outras artes, como a pintura, a poesia entre outras que deixaram sua marca. Com um aumento do processo de mercadorização e das tendências midiáticas, a dança vem passando por transformações que influenciam diretamente no tipo de dança que chega às

escolas. Para Lima (citada por SARAIVA *et al.*, 2007a), uma das preocupações dos professores no contexto escolar é que a dança vem sofrendo por parte da mídia um processo de erotização. Assim, acabamos por ter uma descontextualização da dança enquanto uma linguagem artística e educativa. Além disso, o que se presencia nas escolas, com raras exceções, é o predomínio dos esportes nas aulas de Educação Física. Essa predominância esportiva faz com que outros elementos da cultura de movimento acabem sendo deixados de lado, e a dança é um deles.

De acordo com Saraiva *et al.* (2007a), os professores, em geral, apreciam as aulas de dança, porém não trabalham a dança como um conteúdo da Educação Física. Os motivos para a ausência da dança nessas aulas, segundo a pesquisa, seria a falta de espaço físico para que os professores possam desenvolver suas atividades e a falta de capacitação dos docentes. Isso faz pensar nos conhecimentos que esses professores precisam buscar para melhorar ou mesmo modificar suas práticas pedagógicas.

Por esses motivos, esta pesquisa se justifica, levando-se em consideração os argumentos já mencionados, mas, principalmente, quando se leva em conta a grande dificuldade de se realizar aulas de Educação Física com o conteúdo dança, no espaço da escola.

A partir da problemática apontada, surge a seguinte pergunta de partida: ***Os acadêmicos da 8ª fase do curso de Licenciatura em Educação Física sentem-se preparados e pretendem trabalhar a dança nas escolas enquanto um conteúdo da Educação Física?***

De acordo com a pergunta de partida, o objetivo geral desta pesquisa é investigar a intenção dos alunos de 8ª fase de Licenciatura em Educação Física do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina de trabalhar o conteúdo dança nas aulas de Educação Física na escola. Como objetivos específicos foram estabelecidos: a) investigar se os acadêmicos da 8ª fase desenvolveram o conteúdo dança durante as aulas ministradas por eles nos estágios obrigatórios do curso; b) identificar quais os desafios e possibilidades pedagógicas da prática de dança nas escolas apontadas pelos acadêmicos; c) apresentar reflexões acerca do papel da dança nas aulas de Educação Física.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com os objetivos deste trabalho, a pesquisa consiste em um estudo de campo de caráter descritivo, situada numa abordagem de natureza qualitativa.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador preocupa-se com “a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...]” (GONÇALVES, 2007, p. 69). Sendo assim, uma das características do ser humano é a capacidade de pensar e interpretar sobre o que faz dentro da sua realidade social (MINAYO, 2008). Então, este estudo possibilitou o contato direto entre pesquisador e o grupo pesquisado, procurando observar e perceber as diferentes opiniões sobre o assunto em questão.

Com o estudo de campo buscou-se obter informações diretamente com a população pesquisada. Esse tipo de estudo, segundo Gonçalves (2007), “exige do pesquisador um contato mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre – ou ocorreu – e reunir um conjunto de informações a serem documentadas” (p. 68).

A pesquisa descritiva tem como objetivo descrever fatos ocorridos durante a coleta de dados (GIL, 1991), com isso visa conhecer e interpretar estas informações.

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado para este estudo a entrevista semi-estruturada (roteiro em anexo). Segundo Lüdke e André (1986, p. 34), a entrevista semi-estruturada consiste em “um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações”. Dessa maneira, o pesquisador pode no decorrer da entrevista acrescentar perguntas de esclarecimentos, além de proporcionar uma relação de interação entre o pesquisador e o entrevistado.

O roteiro da entrevista consistiu em oito questões abertas, pré-determinadas, porém no decorrer da entrevista surgiram outras perguntas pertinentes ao assunto pesquisado. Vale lembrar que o roteiro da entrevista passou por um estudo piloto realizado com uma acadêmica da 8ª fase do curso, no intuito de reestruturar, se necessário, as questões para entrevista.

Foi encaminhado um convite via *email* para os alunos da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, oferecida na 8ª fase do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, porém obteve-se retorno de onze acadêmicos. A escolha por esse grupo de acadêmicos se deu pelo motivo de já terem cursado as disciplinas de Estágio Supervisionado em Educação Física I e II, obrigatórios do currículo, que

acontecem na 6ª e 7ª fases do curso. Acredita-se que o estágio possibilita colocar em “prática” os conhecimentos apreendidos pelos acadêmicos durante o curso. O estágio é uma boa oportunidade para fazer relações entre ser acadêmico e ser professor e entre a universidade e a escola.

As entrevistas aconteceram no Centro de Desportos – CDS na data e horário combinado com os acadêmicos via *email* ou telefone. Para todos os entrevistados foi utilizado um nome fictício com o objetivo de resguardar a identidade dos participantes. Todas as entrevistas foram gravadas, e após as gravações, ouvidas e transcritas na íntegra; em seguida foram analisadas e agrupadas em pontos de análise que se convencionou chamar de “pontos significativos da pesquisa”.

Os pontos significativos da pesquisa foram analisados a partir da hermenêutica, que preocupa-se em interpretar, compreender textos, biografias, narrativas, entrevistas, entre outros. Neste caso o pesquisador por meio da hermenêutica tem a possibilidade de se colocar no lugar do outro. A compreensão é o entendimento, e compreender seria entender uns aos outros. Segundo Minayo (2006), a abordagem hermenêutica se fundamenta na ideia de que os seres humanos se entendem ou fazem um “movimento interior e relacional para se porem de acordo” (p. 329).

Vale ressaltar que as questões das entrevistas surgiram da pergunta de partida e dos objetivos traçados nesta pesquisa. Os pontos significativos foram identificados, e a partir das respostas dos entrevistados foram feitas as reflexões sobre as intenções destes para com o desenvolvimento da dança nas aulas de Educação Física na escola.

3 PENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

3.1 ESPORTIVIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A disciplina de Educação Física desenvolvida na escola teve sua origem fundamentada no referencial médico, tendo como objetivo a educação do corpo para a busca da saúde, possibilitando um corpo forte e higiênico.

Posteriormente a Educação Física sofreu forte influência militar, que de acordo com Bracht (1992), a preparação militar tinha como objetivo o desenvolvimento da aptidão física e a formação de caráter que seria a auto-disciplina, coragem, respeito à hierarquia entre outros, tudo isso com o intuito de preparar os “corpos”, para possíveis enfrentamentos militares, inserindo nas pessoas um ideal de nacionalismo e patriotismo. Nesta época, em vez do professor tinha-se o instrutor. Cabia ao instrutor apresentar os exercícios, manter a ordem e a disciplina, e o aluno deveria cumprir a tarefa atribuída pelo instrutor. A Educação Física não se diferenciava da instrução militar, pois, conforme Bracht (1992), o seu entendimento enquanto atividade puramente prática acabava por colaborar para a ausência de reflexão teórica em seu interior.

Tanto no padrão higienista como no militarista, a referência era pautada nos referenciais biológicos, tendo como principal objetivo o fortalecimento do corpo. No Brasil, a “desmilitarização” da Educação Física se deu com a criação das primeiras escolas de formação de professores, no final da década de 30 e início da década de 40.

Quando se fala em conteúdos da Educação Física no ambiente escolar não se pode deixar de lado a manifestação da cultura de movimento mais “adorada”³ e “tematizada”⁴ pelos alunos: o esporte. O esporte sempre esteve fortemente presente na sociedade brasileira, porém sua inserção nas aulas de Educação Física escolar não se deu de forma imediata. De acordo com o Coletivo de Autores (1992), após a segunda Guerra Mundial e com o fim do governo ditatorial no país, originaram-se novas tendências para o desenvolvimento do sistema educativo, com isso o esporte passou a ser um forte integrante na Educação Física escolar.

³ Grifo meu.

⁴ A palavra em aspas consta no Projeto Político Pedagógico da E. B. M. Padre João Alfredo Rohr, produzido pelos acadêmicos da turma de Estágio Supervisionado em Educação Física II, no semestre de 2009/1 e 2009/2 do Curso de Licenciatura em Educação Física/UFSC e estudado por esta pesquisadora no ano de 2010/2, durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física II.

O esporte determina, dessa forma, o conteúdo de ensino da Educação Física, estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para professor-treinador e aluno-atleta [...] (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.54).

Desta forma, o esporte que era para ter característica de ser um conteúdo informal, com possibilidades de apresentar aspectos cooperativos além dos competitivos, passa a ter uma grande rigidez na sua formalidade direcionando-se para a necessidade da competição, portanto passando a apresentar como principal meta o rendimento. É nesse sentido, que a Educação Física, mais uma vez, representa ser uma outra instituição, de modo que não se tem o esporte da escola, mas sim, o esporte na escola, que para Bracht (1992), indica sua “subordinação aos códigos/sentidos da instituição esportiva” (p. 22). Para o autor, o esporte na escola significa a própria instituição esportiva, que tem como princípios o rendimento, a competição, entre outros. A disciplina de Educação Física é vista como sendo a base para o esporte de rendimento, e a escola seria a base dessa pirâmide esportiva.

A partir das décadas de 60 e 70, predominam no sistema educacional brasileiro o modelo tecnicista sob a forte presença da ditadura militar e o esporte, mais uma vez, é fortalecido nas aulas de Educação Física escolar, tendo como meta à busca de resultados em competições internacionais. Trata-se de um período no qual a ideologia do governo estava pautada em um país que vislumbrava ser uma potência de nação, sendo importante neste momento, fomentar um ambiente de desenvolvimento e ao mesmo tempo “mascarar” os problemas internos (BRACHT, 1992).

Desde o Brasil pós-64, a Educação Física sofreu por processos de legitimação da área, fato este que ocasionou mais confusão a respeito do que caberia a Educação Física escolar. Surge a partir disso ideias, entre elas, o uso da psicomotricidade para justificar a presença desta disciplina nos ambientes escolares, porém essa ideia não foi suficiente para garantir a presença da Educação Física enquanto uma disciplina. A psicomotricidade, segundo Bracht (1992), é baseada na “interdependência do desenvolvimento cognitivo e motor”, e sua proposta é que a partir dos jogos simbólicos seja possível contribuir para a educação integral do aluno. Utiliza-se do jogo simbólico como recurso para estimular o desenvolvimento do potencial cognitivo, emocional, social e motriz do aluno. Vale ressaltar que a Psicomotricidade foi criada pelo educador francês André Lapierre, chegando ao Brasil em 1983.

Kunz (1994), é um dos autores que reforça a crítica da utilização do esporte com características de rendimento no contexto escolar, para o autor, utilizando o esporte desta

forma, pode-se ter como consequência um pequeno grupo de alunos que vivenciarão o sucesso e uma grande maioria que se confrontará com o fracasso, fator que remete o professor a um grande equívoco pedagógico. O autor defende o conteúdo esporte na Educação Física escolar, pois ele é uma das manifestações mais recorrentes nas diferentes culturas, porém sinaliza para a necessidade de uma transformação didático-pedagógica do esporte.

A transformação didático-pedagógica se consolida a partir da interação e da linguagem, consideradas as bases para o desenvolvimento do processo de ensino. O enfoque da transformação é proporcionar aos alunos condições de “questionar e analisar criticamente” qualquer informação que é remetida. De acordo com Kunz (2006), o aluno torna-se capaz de “relacionar o trabalho escolar, enquanto exercício e até treinos sistematicamente objetivados, com o agir solidário, a compreensão e o entendimento significativo com todos os participantes do processo de ensino” (p. 28).

Fica evidente que o esporte foi e continua predominando em nossa sociedade, desde o momento em que foi inserido na escola, tendo sempre grande influência na Educação Física escolar, inclusive, algumas vezes, praticamente o único conteúdo ministrado nesta disciplina. Sabe-se que em muitas escolas algumas modalidades esportivas predominam como conteúdos da Educação Física, como é o caso do futebol (geralmente praticado por meninos) e o voleibol (geralmente praticado por meninas), motivo este que contribui para que os próprios alunos vejam a disciplina de Educação Física como sinônimo de esportes, não reconhecendo-a como uma disciplina que aborda outras manifestações da cultura de movimento, além de reforçar a ideia de que as modalidades esportivas são separadas por sexo. Por isso, a Educação Física escolar deve proporcionar aos alunos diversos conteúdos da cultura de movimento, não somente o esporte, mas sim, os jogos, as lutas, as ginásticas e porque não a dança?

3.2 DANÇA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A dança é uma das manifestações do ser humano considerada mais antiga. Desde os tempos mais remotos os homens dançavam para expressar sentimentos de amor, de ódio, nascimento ou morte. A dança é entendida aqui como arte de expressar-se e por meio da imaginação/realidade e da criatividade sendo possível transformar e vivenciar aquilo que é sentido. Segundo Fiamoncini e Saraiva (2006), a dança “ao se utilizar do próprio movimento como instrumento, é capaz de tornar o corpo humano, a um só tempo, instrumento e obra de

arte”. (p. 98). A imaginação e a criatividade são consideradas pelas autoras “pontos fundamentais” da dança. E a dança neste caso, contribui no processo educacional que tenha como objetivo a formação de cidadãos, sempre fundamentadas numa perspectiva crítica. Entende-se aqui como ser crítico a pessoa capaz de refletir e questionar sobre o que lhe é dito ou informado.

De acordo com Marques (1999), a dança colabora para uma educação de pessoas que sejam capazes de criar pensando e re-significando o mundo em arte. Sentimentos e sensações são manifestados na dança a partir da compreensão que o aluno tem sobre a dança onde a expressão é o objetivo a ser alcançado, neste caso, a dança existe conforme seu “criador” a concebe.

Desde que a Educação Física foi inserida nos programas escolares, algumas práticas corporais tornaram-se clássicas, entre elas os jogos, os esportes, as lutas, as ginásticas e as danças, porém algumas dessas práticas foram por vezes deixadas de lado e a dança é uma delas. Essas práticas constituem o conhecimento próprio ao ensino da Educação Física, pois segundo Vago (2009):

A intervenção pedagógica do professor de Educação Física comporta assim um desafio: organizar o ensino para que os estudantes realizem o direito de conhecer, de provar, de criar, de recriar e de reinventar, de fazer de muitas maneiras, de brincar com essas práticas, garantindo-lhes a expansão de suas experiências como esse rico patrimônio cultural (p. 35).

Apesar de a dança fazer parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e, desde 1971 inserida como conteúdo da Educação Física e da Educação Artística/Arte Educação, sua presença como conteúdo dessas disciplinas ainda é escasso como mostra a pesquisa realizada por Gehres (citada por Brasileiro 2003), a dança nas escolas da rede de ensino fundamental e médio no país, apontam para a predominância da dança na escola como atividades extracurriculares ou em datas comemorativas, como elemento “decorativo”, ou seja, a dança somente acontece com o objetivo de mostrar, geralmente para os pais, que a escola esta realizando algo sobre dança, neste caso, não é pensado com os alunos sobre a sua importância na formação de cidadãos críticos. Pode-se observar que em algumas pesquisas (SILVA, 2010; SARAIVA *et al.* 2007a), geralmente quando perguntado aos professores o porquê de não ensinarem a dança, muitos dizem não se sentirem preparados para ministrar aulas.

Na maioria dos cursos de Educação Física os acadêmicos têm apenas uma disciplina de dança, o que poderia ser um dos fatores que não encorajam os mesmos a ministrarem aulas depois de formados. Porém esta não poderia ser uma “desculpa” para que estes acadêmicos não desenvolvessem a dança enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física, até porque no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, todos os conteúdos: esportes, lutas, ginásticas, jogos e a dança são desenvolvidos num semestre apenas, ficando a decisão do acadêmico buscar aprofundar-se com relação a estes conteúdos. Quer-se com isso mostrar que mesmo aqueles conteúdos relacionados aos esportes oferecidos em um semestre, serão os prováveis conteúdos ministrados por estes futuros professores nos estágios e provavelmente nas escolas depois de formados, e a dança mais uma vez é deixada em segundo plano. Isso se deve ao fato da Educação Física ainda hoje ser vista como sinônimo das práticas esportivas, uma construção histórica que ainda persiste as aulas desta disciplina como apontado no item anterior, quando se fala da esportivização da Educação Física escolar.

Ainda hoje, em algumas aulas de Educação Física, o movimento humano é trabalhado de forma padronizada, onde a técnica do gesto é valorizada. Quando se fala em movimento humano faz-se necessário entender o corpo humano não de uma maneira dualista: corpo e mente, mas tem-se que pensar no ser humano como um sujeito capaz de sentir e expressar suas experiências. Desta forma, a dança pode possibilitar o desenvolvimento da expressividade da criatividade, permitindo aos alunos realizarem um diálogo com o mundo a partir dessas experimentações que geram descobertas de movimentos próprios e com significados pessoais, permitindo aos alunos dançarem de acordo com suas possibilidades, cada um pode encontrar a sua forma de dançar, ou seja, a dança na escola pode ser um momento de descobertas.

Quando se fala no ensino da dança na escola, logo remete-se a **que** ensinar e **como**⁵ ensinar os alunos. Pensando em quais conteúdos faz parte das aulas de dança, Barreto (2004), diz que conteúdos da dança são:

[...] técnicas de expressão de dança: improvisação, composição coreográfica, consciência, percepção e expressão corporal, exercícios técnicos de dança (clássica, moderna, contemporânea e outras), repertório (folclóricas, populares, de roda e outras); - conteúdos coreológicos: corpo, fatores de movimento, espaço, dinâmicas, ações, relacionamentos, som e ritmo (p. 68).

⁵ Grifos meus.

A ideia de Barreto (2004), é de trabalhar e desenvolver novas percepções no ser humano por meio da dança improvisação e de danças da cultura local, não distanciando muito da proposta de conteúdos sugerida por Fiamoncini e Saraiva (2006):

[...] buscou-se a improvisação como conteúdo da dança na escola, porque ela implica um processo que permite a todas as pessoas dançarem – ou movimentarem-se expressivamente – dentro de suas possibilidades individuais (p. 100).

A improvisação como metodologia de ensino vem sendo estudada em diversas publicações (SARAIVA *et al.*, 2007b; SARAIVA *et al.*, 2005a; SARAIVA *et al.*, 2005b; BARRETO, 2004). Enquanto uma metodologia de ensino, a improvisação proporciona a presença de alunos de sexo masculino a participarem das aulas, já que na improvisação “atribuem-se **tarefas** de movimento e não **exercícios**⁶ a ser copiados” (SARAIVA *et al.* 2009, p. 147), além de permitir que as pessoas participantes experimentem formas de movimento que não sejam estereotipadas como sendo do sexo masculino ou feminino, fato este que possibilita a participação de meninos e meninas, jovens e adultos na dança.

Como um conteúdo, a improvisação permite a re-significação da dança no ambiente escolar e cultural. Conforme Saraiva *et al.* (2009), a dança improvisação gera dois efeitos opostos, mas que se complementam: um é a criação espontânea e o outro a criação voltada à arte, e a partir desses efeitos chega-se a dança. Ainda de acordo com as autoras, a improvisação enquanto conteúdo permite aos alunos criarem movimentos espontâneos a partir dos sentidos que eles atribuem a estes movimentos. Para Barbara Haselbach (citada por Saraiva *et al.*, 2009), a expressão corporal na Educação Física pode ser desenvolvida tanto por adultos como por crianças, em diversos lugares que se tenha o enfoque da educação em movimento e criação.

A partir dessa proposta de dança nas escolas, é possível incentivar a imaginação e a criatividade, contribuindo no processo de formação dos alunos para que se tornem pessoas críticas. Segundo Fiamoncini (2003), a dança precisa ser pensada em todo processo educacional, pois o aprendizado que a dança proporciona aos alunos é uma outra proposta de conteúdo na escola. A dança enquanto conteúdo possibilita que seja enfatizada a sensibilidade e a expressividade de cada um em relação aos outros conteúdos da Educação Física. Isso não

⁶ Grifos das autoras.

quer dizer que os demais conteúdos da Educação Física também não abarquem a sensibilidade e a expressividade, porém com o conteúdo da dança é mais possível de se observar.

Pensando nas aulas de Educação Física não se pode descartar a importância do professor considerar o aluno como um ser possuidor e criador de cultura, abordando através das diferentes culturas o conteúdo dança, criando maiores aproximações dos alunos com a mesma. Desta forma, de acordo com Vago (2009), a escola é um lugar *de* culturas, um lugar *das* culturas, e um lugar *entre*⁷ as culturas. De culturas porque todos, crianças, jovens e adultos produzem culturas conforme a sua condição de classe, etnia e gênero. Das culturas porque é responsável em transmitir⁸ essas culturas para os que nela estão. E entre as culturas, pois estabelece relações com outros lugares, como as ruas, praças, meio político. Cada ser humano já nasce imerso em uma cultura.

A Educação Física deixou de ver o ser humano apenas como um ser biológico, aspecto que acabava empobrecendo o olhar que se tinha com relação às crianças, os jovens e os adultos. Agora tem lançado um olhar diferente sobre o corpo, pois “o corpo é lugar de vida, de sua expressão, de suas alegrias, também de suas dores. Lugar de liberdade. Lugar de censura [...] o corpo é forjado em presença de uma cultura” (VAGO, 2009, p. 32).

Vale ressaltar a importância que o professor de Educação Física tem que ter com relação a essa questão, sempre visando proporcionar aos seus alunos diferentes experiências corporais, mostrando que os diversos conteúdos da cultura de movimento podem e devem ser apresentados aos alunos, apesar da sociedade dizer que determinada prática é para meninos e que outra prática é para meninas. Sabe-se que as questões de gênero se evidenciam nas aulas de Educação Física, porém essas questões devem ser problematizadas e trabalhadas em todo o ambiente escolar. Sobre algumas questões de gênero e de estereótipos de movimentos com relação à dança, iremos abordar no item seguinte.

3.3 DANÇA E GÊNERO

Desde os tempos mais antigos, os homens eram condicionados a realizarem as tarefas que exigisse força, pois a eles era determinado sair para caçar, pescar e defender a “família” das possíveis ameaças, já as mulheres eram predeterminadas a terem filhos e a ficarem em casa cuidando destes.

⁷ Grifos meus.

⁸ Aqui optou-se em deixar a palavra transmitir, pois foi a utilizada pelo autor, porém acredita-se que o conhecimento não deve apenas ser transmitido aos alunos, mas sim construído com eles.

Antes mesmo de uma criança nascer, a família cria expectativas para saber o sexo do bebê, para então começar o “enxoval” e se for menino as roupas tendem a ser azul, caso seja menina, rosa. Com o passar dos anos, esse menino ou menina irá participar de alguma prática da cultura de movimento, geralmente futebol ou balé respectivamente. Isso acaba por reforçar ainda mais os ditos “papéis” do homem e da mulher na sociedade. De acordo com Sayão (2002), quando a sociedade determina o que constitui o masculino e o feminino, acaba por delimitar esteriótipos, que se multiplicam e são incorporados, muitas vezes, acriticamente.

Quando as crianças ingressam nas escolas, muitas delas, já têm desenvolvido um conceito sobre o que seriam os “papéis” de ser homem ou mulher. Esses “conceitos” são de certa forma, impostos para as crianças por meio da televisão, do convívio familiar, da escola, entre outros. Segundo Sayão (2002, p. 5), “a demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade”. Ainda de acordo com a autora, essas relações influenciam no modo com que as crianças olham a si mesmas, os outros e a cultura, fato este que contribui para a formação de sua identidade de gênero.

De acordo com Grossi (citado por Sayão 2002, p. 5), pensar na “identidade de gênero remete a um sentimento individual de ser menino ou menina”, e é no decorrer da vida que essa percepção é desenvolvida. O entendimento de ser homem ou mulher, para Sayão (2002), faz parte de um processo culturalmente construído, pois sabe que se nasce com um sexo biológico, para além do qual, tornam-se homem ou mulher.

Quando se discute gênero, logo vem em mente que esta questão continua sendo criada pela sociedade, seria, portanto, segundo Patrício *et al.* (2010, p. 96), “uma construção histórico-social”, onde a família e a escola possuem grande influência nesta construção. Sabe-se que a sociedade recrimina a participação de homens em determinadas práticas corporais, uma delas é a dança. Essa recriminação é consequência de esteriótipos construídos pela sociedade com relação o que cabe aos homens ou as mulheres. Para Saraiva *et al.* (2009):

A necessidade de o homem preservar uma identidade masculina, cujo papel é forte, dominante e de poder na sociedade – e nisso a família, a escola e a mídia têm papel preponderante-, reforça seu afastamento da dança que, pelas suas características ligadas à expressão, sensibilidade e suavidade, pode os **desencaminhar**⁹ para papéis femininos (p. 161-162).

⁹ Grifo das autoras.

Fiamoncini e Saraiva (2006), sugerem para as aulas de dança na Educação Física a co-educação como uma prática conjunta de meninos e meninas, onde ambos têm as mesmas oportunidades de experimentarem as diversas possibilidades da cultura de movimento. Segundo as autoras, a co-educação se fundamenta no fato de não existirem movimentos determinados para cada sexo. A co-educação enquanto um caminho permite aos alunos experimentarem movimentos desestereotipados, onde a criação e a sensibilização do movimento é que estão em evidencia. Ainda segundo as autoras, para a dança se tornar uma prática co-educativa se faz necessário visualiza-la sem os estereótipos determinados de movimentos masculino e feminino, buscando conteúdos e metodologias diferentes das tradicionalmente desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Trazer a dança para a escola é uma boa sugestão para se trabalhar com as questões de gênero e preconceitos que surgem no ambiente escolar. Segundo Marques (2003), o preconceito que existe na dança está relacionado ao imaginário social do mundo ocidental, em associar a dança ao balé clássico, que tem como característica a delicadeza e a leveza dos gestos, características estas ditas como sendo femininas.

De acordo com Vianna e Finco (2009):

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim, compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e, conseqüentemente, imutáveis (p. 270).

Conforme a pesquisa realizada por Patrício *et al.* (2010), os professores de Educação Física possuem a intenção de desenvolver outros conteúdos, entre eles a dança e têm consciência dos benefícios que esta pode proporcionar, mesmo assim, esse conteúdo continua esquecido ou então, raro nos ambientes escolares. Os motivos são muitos, dentre alguns, como a forte presença dos esportes nas aulas de Educação Física, por questões de gênero e preconceito e também quando se leva em consideração a formação dos futuros professores desta disciplina.

Para Saraiva (1996), as aulas de Educação Física deveriam “qualificar para as atividades físicas de lazer, comunicação e cooperação que são tanto ou mais importantes que as qualidades motoras, se considerado um indivíduo socialmente participativo e não apenas, fisicamente apto” (p.129). Por isso, quando se pensa em trabalhar com a dança na escola,

quer-se com ela possibilitar aos alunos outras vivências de cultura de movimento, que muitas vezes, não são abordadas pelos professores nas escolas.

3.4 PROFESSORES *VERSUS* FORMAÇÃO

A formação de professores que atuam na área de dança é sem dúvida um dos pontos mais críticos no que diz respeito ao ensino dessa arte em nosso sistema escolar (MARQUES, 2003, p. 22).

Sabe-se que a Dança desde 1971, está inserida como conteúdo da Educação Física e da Educação Artística/Arte Educação, e apesar dessa inserção ela quase não é ensinada nas escolas. Quando a temos, geralmente são em forma de projetos extra-curriculares e não como um conteúdo das aulas de Educação Física.

Para Strazzacappa (2001) o professor de dança na escola precisa:

[...] ter uma sensibilidade para a dança. Ter visto dança, sentido dança, exercitado a criação em dança. O professor não precisa vivenciar a dança profissionalmente, mas precisa dançar para compreender seus conteúdos, sua importância e sua expressão (p. 65).

A ideia de que para ensinar a dança é preciso ser dançarino está equivocada. O professor de Educação Física não precisa dançar profissionalmente, mas sim precisa saber o que ensinar e como desenvolver esse conhecimento com seus alunos.

Outra dificuldade encontrada pelos professores seria a falta de espaços, porém esse argumento não é sólido, porque, hoje para se ensinar a dança acredita-se que seja preciso apenas um pouco de “boa vontade” por parte dos docentes, pois espaços alternativos podem ser encontrados. Vale lembrar que durante o curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, os acadêmicos/futuros professores tiveram disponível o espaço tradicional da sala de dança (sala com espelhos, chão de madeira e barras) e a realidade das escolas é outra.

De acordo com Marques (1999), o ensino universitário deveria servir como um foco de expansão de conhecimento e pesquisa, muitas vezes acaba por dar ênfase ao autoritarismo do ensino tradicional, onde o professor é quem determina como a aula deve se desenvolver. Segundo esta mesma autora, caberia aos cursos universitários de dança e licenciatura “[...] exercer um papel na inversão da situação do ensino de dança” (p. 47-48).

Para que isso ocorra, a autora sugere que é preciso quebrar e redimensionar o canal de comunicação que existe de forma acrítica entre as escolas de ensino básico e as escolas de dança.

Repensar a educação e a dança no âmbito artístico e escolar, para Marques (1999), significa “repensar todo o sistema de valores e de ideais concebidos desde o século XVIII e que foram incorporados ao pensamento educacional ocidental” (p. 48). Sendo assim, ainda hoje muitas escolas têm em mente que a dança contribui para que os alunos possam “soltar as emoções”, ou então que dançar é “bom para relaxar”. Não é que a dança não abarque todas essas características, mas sabe-se que ela é muito mais que isso. A dança contribui para a educação do ser humano, para que sejam capazes de “criar pensando e re-significar o mundo em forma de arte” (MARQUES, 2003, p. 24).

Quando se pensa em formação de professores logo se imagina que estes têm, ou pelo menos deveriam ter uma formação voltada para a prática docente. O curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina¹⁰ tem no seu currículo dois estágios obrigatórios. Os Estágios Supervisionados em Educação Física I e II acontecem na 6ª e 7ª fase do curso e tem como prioridade a aproximação do ambiente educacional e a elaboração de um plano de ensino que esteja de acordo com as propostas da Instituição onde se realiza o estágio, prevendo a intervenção pedagógica.

É essencial que os estagiários conheçam os ambientes educacionais em que vão atuar e identificar qual o papel da Educação Física e como é sua inserção nesta instituição. Para isso se faz necessário o conhecimento do Projeto Político Pedagógico (PPP), suas múltiplas expressões e determinações: suas formas de regulação, de produção e gestão de saberes, seus ritmos e ritos, sua linguagem e tecnologias, seus modos característicos de organização, as técnicas e cuidados com o corpo. Os Estágios Supervisionados, neste caso, são considerados a ligação do acadêmico com o ambiente escolar, possibilitando aos futuros professores que experimentem, conheçam e vivenciem a escola.

O curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC oferece no seu currículo a disciplina de Fundamentos Teórico Metodológicos da Dança - DEF 5887, obrigatória com carga horária de 72 horas para os acadêmicos da quarta fase, tendo como ementa:

Contextualização histórica da dança. Significados e possibilidades da dança: cultura, arte e educação. Contexto pedagógico das danças. Dança na escola:

¹⁰ A partir deste trecho, em vez de falar Universidade Federal de Santa Catarina, iremos usar a sigla UFSC.

fundamentos técnicos e metodológicos. Prática pedagógica, sob orientação e supervisão docente, compreendendo atividades de observação dirigida ou experiências de ensino.

Esta é uma disciplina que não necessita de pré-requisito¹¹ para cursá-la. Tem como objetivo “conhecer e re-significar concepções e metodologias para o ensino da dança que contemplem as ações pedagógicas e a educação estética no âmbito da Educação Física”. Essa disciplina proporciona aos acadêmicos conhecimentos de dança que poderão ser desenvolvidos com os alunos na escola. Parte da ideia de trabalhar com a Dança-Improvisação, que permite as pessoas criarem seus movimentos, e a dançarem expressivamente. De acordo com Saraiva *et al.* (2007b), “[...] a improvisação, uma metodologia que valoriza a criação, a imaginação, a desconstrução de padrões de movimentos e onde o que importa é o processo de construção e criação e não o produto final” (p. 162).

Além da disciplina obrigatória, os acadêmicos podem cursar a disciplina optativa¹² de Educação Física Curricular-EFC 5803 – Dança e Improvisação, com 54 horas aula. Essa disciplina pode ser frequentada por toda a comunidade acadêmica da UFSC. Seu objetivo é de “proporcionar a dança como vivência artística e condição corporal de saúde e lazer”, porém para que esta aula aconteça é necessário que algum professor do Centro de Desportos tenha disponibilidade de oferecê-la aos acadêmicos da UFSC.

Existe ainda, a disciplina eletiva¹³ DEF 5833 – Atividades Rítmicas e Expressão, com carga horária de 72 horas, com a seguinte ementa:

Corpo, cultura e comunicação. Atividades rítmicas e a criança. Valor educativo das atividades rítmicas. Aspectos sócio-culturais das danças folclóricas regionais. Processo de ensino-aprendizagem das danças folclóricas. Música. Instrumentos. Aspectos Coreográficos.

Assim, percebe-se que o curso de Educação Física da UFSC tem previsto, sabe-se que nem sempre essas disciplinas são oferecidas dependendo da disponibilidade de um professor para poder ministrar, outras duas disciplinas das quais, os acadêmicos poderão cursar além da disciplina obrigatória. Mesmo que estas disciplinas não tenham sido oferecidas em todos os semestres, ainda sim, não justifica o acadêmico/futuro professor se ausentar do

¹¹ Ou seja, o acadêmico que queira cursar esta disciplina, não necessariamente tenha que ter cursado outras disciplinas do currículo do curso.

¹² Optativas são disciplinas que o acadêmico pode cursar em qualquer Centro (Centro de Desportos, Centro de Educação, entre outros) da Universidade Federal de Santa Catarina.

¹³ Eletivas são as disciplinas elencadas no currículo do curso de Educação Física.

ensino de outros conteúdos da cultura de movimento na escola, pois este tem a responsabilidade de proporcionar aos alunos outras experiências de movimento. A falta do ensino da dança acaba por comprometer o processo criativo e reflexivo que poderia acontecer nas escolas. No capítulo seguinte, serão apresentadas as reflexões realizadas por esta pesquisadora a partir das entrevistas dos acadêmicos com as leituras que fundamentaram esta pesquisa.

4 DIALOGANDO COM OS FUTUROS PROFESSORES

Este capítulo dará início as reflexões a partir das leituras que fundamentaram a pesquisa, e a partir das entrevistas realizadas com os acadêmicos. Como já mencionado, os nomes dos entrevistados serão preservados, portanto será utilizado nomes fictícios.

A entrevista para a coleta de dados teve início com a seguinte pergunta: “O que é dança para você?” Essa foi a primeira questão, pois acredita-se que para compreender como os acadêmicos vêem a dança enquanto conteúdo da Educação Física, é preciso primeramente tentar saber o que eles entendem por dança.

Dos acadêmicos entrevistados, cinco entendem que a dança é o movimento do corpo, como mostra a fala dos acadêmicos:

A dança é o movimento do corpo, e eu acredito que através dela as pessoas podem expressar aquilo que estão sentindo naquele momento (Beatriz).

Para mim dança são movimentos que a gente faz com o corpo obedecendo ou não algum ritmo de música ou qualquer outro ritmo possível que tu possa expressar uma dança de diversas formas (Felipe).

A dança pra mim é o movimento corporal com o auxílio de uma música alguma coisa assim (Maria).

Dança é o movimento do corpo que pode ser o jeito mais fácil das pessoas interagirem para perder a vergonha (Fernanda).

É o corpo em movimento (Paula).

Outros três acadêmicos definiram a dança como uma expressão cultural:

Dança para mim, eu como sou do Rio Grande do Sul, representa assim uma cultura então a dança ta envolvida numa questão cultural, seria como o resumo de uma cultura assim expressa em movimentos e ritmos (Mateus).

Eu não tenho muito estudo sobre dança, mas eu acho que é uma forma de expressão cultural, corporal, pessoal (Bruna).

Para mim, a dança é uma das primeiras manifestações artísticas da humanidade, usada tanto em forma de ritual como para o lazer (Gustavo).

Uma das acadêmicas entrevistada considera a dança como um elemento da cultura corporal: “*Eu entendo que dança é um elemento da cultura corporal e através dela a gente*

pode conhecer a si mesmo conhecer os outros, demonstrar nossas expressões, nossos sentimentos” (Franciele).

Já para outros dois acadêmicos a dança é uma forma de expressão corporal:

Dança pra mim seria uma forma de expressão corporal onde tem muito a ver com a cultura de um determinado do local, cultura de um determinado país, uma região. A dança ela é muito comum assim como uma forma de expressão, de história de expressão do que foi a evolução daquele lugar e também uma expressão corporal acredito eu - uma forma de a gente dialogar de passar uma mensagem através do corpo (Pedro).

Eu acho que a dança é um conteúdo da cultura corporal, uma forma de expressão corporal que o homem vem desenvolvendo ao longo da sua história para diferentes fins: para comemoração, principalmente nas datas comemorativas de alegrias ou de tristezas. Acho que é um conteúdo que o homem vem desenvolvendo (Luzia).

A partir das respostas dos acadêmicos, percebeu-se a predominância de dois eixos: dança enquanto *movimento do corpo* e dança enquanto *manifestação cultural*.

Para dialogar sobre o movimento do corpo, Dantas (1999), diz que dança é composta por movimentos e gestos corporais, porém defini-la assim não é o suficiente para compreender o que é dança, pois os indivíduos ”expressam-se, manifestam-se, comunicam-se através de suas ações, de suas posturas e atitudes corporais, de seus movimentos e gestos, sem estar, necessariamente, dançando” (p. 15). Dessa maneira, o movimento é algo natural do ser humano e para que este seja identificado como dança faz-se necessário que ele seja envolvido com a subjetividade¹⁴ do aluno/dançarino.

Sobre isso, Kunz (1994) fala que a junção do “se movimentar” natural do ser humano com a subjetividade faz com que a “dança se torne um fenômeno de expressão e vivência” (p. 85). Com isso, o movimento deixa de ser um simples movimento e passa ter um sentido, sentido este que contribui para o desenvolvimento de um ser humano mais expressivo e crítico.

Conforme uma das acadêmicas entrevistadas, sobre o entendimento de dança, “a dança é um elemento da cultura corporal e através dela a gente pode conhecer a si mesmo conhecer os outros, demonstrar nossas expressões, nossos sentimentos” (Franciele). De acordo com Fiamoncini (2003), a dança “é muito mais que movimentos aleatórios, é sentimento, criação, é um modo de existir, em que cada um pode dançar a sua dança [...]” (p.

¹⁴ “A subjetividade pode ser entendida, assim, como este processo por meio do qual o homem se desenvolve no contexto social, numa relação tensa entre um ‘ser social’ e um ser ‘individual’” (Kunz, 1994, p. 102-103).

39). Assim, a dança é uma maneira de relacionar-se com o outro e consigo mesmo, buscando a compreensão do indivíduo e do mundo.

De acordo com Fiamoncini (2003), a arte é “um canal aberto à crítica, à expressividade e à criação, é o momento da expressão de sentimento humano [...]” (p. 53). A dança enquanto arte também é expressão de sentimentos, como se pode observar na fala de um dos entrevistados: “*A dança é um movimento do corpo, e eu acredito que através dela as pessoas podem expressar aquilo que estão sentindo naquele momento*” (Beatriz). Sobre isso, Langer (citada por Fiamoncini 2003, p. 63), diz que “a expressão em arte diz respeito à manifestação de pensamentos, sensações, sentimentos ou idéias, através de um símbolo, que é o propósito da arte, sendo que o símbolo é algo criado”.

Percebe-se que o sentimento presente na dança é a expressão dada aos movimentos e esse sentimento provoca tanto para quem dança como para quem assiste “sensações de encantamento, fruição, êxtase” (FIAMONCINI, 2003, p. 76). Numa outra fala, um dos entrevistados no momento em que este foi indagado sobre o que é dança, nos fala que a dança “[...] representa assim uma cultura. A dança está envolvida numa questão cultural, seria como o resumo de uma cultura assim expressa em movimentos e ritmos” (Mateus). Portanto, a dança é pedagógica e ensina tanto quanto os esportes, jogos e brincadeiras. Ela deve ser pensada também como meio de crítica social para o questionamento de valores preestabelecidos, preconceitos, padrões repetitivos e modismos impostos pela sociedade.

Conforme Fiamoncini (2003):

[...] deve ultrapassar os limites do modelo vigente, pois enquanto momento de expressão, criação espontânea e significativa, visa desenvolver sensibilidade, criticidade nos alunos tornando-os capazes de intervir na sociedade em que vivem e de conquistarem sua cidadania (p. 49).

Os dados coletados apontaram como justificativa para a ausência da dança durante os estágios obrigatórios ou até mesmo nas escolas, pela forte presença dos esportes, pela alegação por questões de formação acadêmica e por questões de gênero. Desta maneira, foram nomeados três pontos significativos da pesquisa que abrangem os aspectos que mais se destacaram nas entrevistas: Hegemonia dos Esportes; Gênero e Dança na Escola; Formação de professores, nos quais iremos dialogar na sequência.

4.1. HEGEMONIA DOS ESPORTES

Segundo Gonzáles e Fensterseifer (2009), a Educação Física escolar durante muito tempo estabeleceu uma relação “simbiótica com o esporte”, confundindo-a com prática esportiva. Os esportes como se sabe, há muito tempo fazem parte dos conteúdos das aulas de Educação Física, isso não é ruim, porém quando os professores somente abordam esses conteúdos em suas aulas acabam por disseminar a ideia de que aula de Educação Física se resume aos esportes com bola, privando os alunos de vivenciarem e conhecerem outras culturas de movimento que vão além da quadra poliesportiva.

Quando perguntado aos acadêmicos se eles haviam trabalhado com a dança durante seus estágios obrigatórios as respostas foram as seguintes:

Eu não trabalhei, percebi até uma certa dificuldade de colocar algo novo assim, as escolas estavam muito presas assim aquela aula de quadra, de bola, então foi difícil. Aqui no CDS trabalhando com as crianças especiais eu consegui trabalhar com dança, consegui trabalhar com músicas infantis né, fiz eles dançarem individualmente em duplas eles dançaram com brincadeiras, estafetas, brincadeira de estátua, eu consegui trabalhar e foi bem sucedido assim, uma coisa que deu certo (Pedro).

Nenhum momento eu trabalhei com a dança, eu peguei uma turma de 6ª série e uma do 2º grau, e principalmente o 2º grau para a intervenção de outros esportes já foi super complicado para conseguir desenvolver o trabalho. E na 6ª série a gente trabalhou com os esportes (Maria).

Pode-se perceber a dificuldade que acadêmicos enfrentam para inserir outro conteúdo na Educação Física que não sejam os esportes, mas especificamente as quatro modalidades esportivas mais conhecidas pelo senso comum: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Vaz *et al.* (2007), diz que o esporte tem sua importância destacada nas escolas por ser considerado um elemento “educador” e “civilizador” do corpo, definidor de sucesso, de beleza. Segundo esses autores, o esporte enquanto “civilizador” do corpo potencializa as preocupações com o corpo, pois como afirma Vaz *et al.* (2007, p. 502), o corpo é “definidor de condutas e de normas, portador de valores, suporte e disseminador de signos, mensageiro de significados que provoca, simultaneamente, admiração e repulsa”. Neste caso, a educação do corpo passa por todos os espaços e tempos sociais, e é na escola que essa educação se potencializa mais especificamente nas aulas de Educação Física onde o corpo é considerado como “objeto”. Sabe-se que a educação do corpo passa por todos os momentos da escola:

corpos educados a permanecerem sentados durante as aulas de outras disciplinas – ir beber água, ir ao banheiro, entre outros (VAZ, *et al.* 2007).

A Educação Física, “uma disciplina do conhecimento, de ensino obrigatório nas escolas e com amplo espectro possível de conteúdos, é substituída pela prática da competição e pela monocultura esportiva” (Vaz *et al.*, 2007, p. 510). Essa “monocultura esportiva”, como cita os autores, deve-se ao fato de a Educação Física ser considerada por muitos professores como sendo sinônimo de esportes, mais especificamente o futebol. O esporte sempre esteve presente na sociedade brasileira, fato este que colaborou para a sua inserção nas aulas de Educação Física, visando promover a saúde e a educação do corpo. Acreditando nessas ideias, o esporte é reforçado nos ambientes escolares.

Na fala de uma das acadêmicas entrevistadas, fica claro que muitas vezes até tentam inserir a dança como um conteúdo da Educação Física escolar, mas encontram certa resistência por parte dos alunos: *“No estágio I eu tinha a proposta de fazer com os alunos a cultura hip hop que levaria o street dance, mas eu acabei não fazendo. Fiz o handebol. No estágio II também acabei desenvolvendo o que o professor já estava desenvolvendo”* (Luzia). A pesquisadora insiste e pergunta: O que a impediu de trabalhar com o *hip hop*? A acadêmica responde que *“a turma preferiu que fosse o handebol, justamente por ter essa resistência, por não ter essa cultura da dança na escola”* (Luzia). O pré-conceito existente por parte dos alunos com relação a dança e esportivização das aulas de Educação Física, neste caso foi um fator que de certa forma influenciou para que a estagiária não desenvolvesse a dança nesta escola.

Num outro momento quando perguntado a um dos entrevistados com relação as possíveis dificuldades e empecilhos de se trabalhar com a dança na escola a resposta foi a seguinte:

Eu acho que o fator hoje que atrapalha um pouco talvez com os professores formados há um tempo atrás. O pouco da experiência que eu tive com escolas que eu passei em algumas já estagiando, eu percebo que os professores ainda são muito, a maioria mais velhos, e tão muito preso assim a velhos conceitos é cada trimestre trabalhar uma modalidade esportiva, primeiro trimestre é futebol, o segundo é vôlei, muitas vezes tem colégios e escolas aí que é futebol o ano inteiro. Eu acho que o que dificulta um pouco a dança é isso. Eu acredito até que essas novas turmas que a gente tem formado aqui pelo menos aqui na UFSC o pessoal já tá saindo com uma mentalidade diferente, tentando inserir novos tipos de atividades novas formas de trabalhar com as crianças então acho que pelo menos pra mim não existiria nenhum fator que dificulta trabalhar com a dança num colégio hoje, seria tranquilo (Pedro).

Mais uma vez, a justificativa para a ausência ou a rara presença da dança enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física é justificado pela forte presença dos esportes nesta disciplina. O motivo seria pelo fato de os professores ainda estarem presos a conceitos de que nesta disciplina é “só entregar uma bola que os alunos ficam contentes”, porém sabe-se que este tipo de atitude acaba por desmerecer o trabalho do professor de Educação Física frente aos alunos e também frente aos demais professores da instituição.

Em geral, a preferência por determinadas práticas da cultura de movimento por parte dos professores de Educação Física acabam por interferir nas propostas de aulas ministradas por eles. Geralmente tendem a dar aulas sobre conteúdos que se identificam ou então, que tem mais habilidades. Acredita-se que estes podem ser considerados fatores que corroboram para a presença quase que hegemônica dos esportes nas aulas de Educação Física nas escolas, sendo raras as exceções. E, é a partir disso que os acadêmicos/futuros professores devem se perguntar a respeito do papel do professor de Educação Física na escola. Será que ao professor basta chegar para dar aula e “jogar” a bola para seus alunos, ou o papel do professor, enquanto alguém que estudou a tarefa consiste em construir o conhecimento com seus alunos, sempre na busca de formar alunos capazes de questionar sobre aquilo que lhe é dito.

4.2 GÊNERO E DANÇA NA ESCOLA

Outro aspecto que se evidenciou na fala dos entrevistados foi a relação entre gênero e dança. O fato de a dança ainda hoje ser vista como “coisa de menina” interfere para o ensino deste conteúdo nas aulas de Educação Física. As identidades de gênero são estereotipadas pela sociedade o que implica em estabelecer *o que* se entende como características masculinas ou femininas. Durante anos a nossa sociedade criou esteriótipos com relação a estes gêneros. Algumas atitudes, tarefas, atividades passaram a se caracterizar como masculinas ou femininas e, a dança adquiriu o esteriótipo de ser própria para mulheres. Por exemplo, cabe aos meninos praticar atividades que exijam força, agressividade, velocidade e as meninas praticar atividades que exigem mais delicadeza. De acordo com Ferraz e Sotero (2009), “o gênero configura-se como mediação importante para pensarmos o modo como se estruturam as relações sociais, as práticas pedagógicas, a estruturação do ambiente de ensino e os significados atribuídos ao corpo e ao conteúdo escolar” (p. 4).

Em relação a isso, Louro (citado por Sayão 2002, p. 5), diz que gênero envolve o “modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num

determinado grupo, em determinado contexto”. Essa determinação sugere que a diferença entre homens e mulheres é delimitada a partir da cultura de uma sociedade sobre este assunto.

O entendimento do que é ser homem ou mulher se concretiza no desenrolar da vida, que passa por um processo cultural, pois, “nascemos com um sexo biológico masculino ou feminino, para além do qual tornamo-nos homens ou mulheres” (SAYÃO, 2002, p. 6).

A fala de alguns dos acadêmicos, quando questionados sobre os possíveis fatores que impeça ou dificulte o ensino da dança nas escolas deixou evidente que a questão do preconceito em relação a dança é muito presente:

[...] é difícil trabalhar na escola porque tem o preconceito dos meninos de não querer dançar. Não é uma prática que a gente vê na escola, tudo que é novo é mais difícil de ser incluso nas aulas de Educação Física, e os alunos só vão querer jogar bola (Bruna).

Eu acho que não existe nenhum fator ligado ao professor de Educação Física, mas a questão social né. Porque se a gente for ver num primeiro momento assim o senso comum as crianças vão ficar “a dança, dança”, até tu conseguir passar pra elas o que seria dança acho que é uma questão mais desse senso comum que elas tem, fazer elas compreender mesmo o que seria isso pra depois ta passando. A Educação Física não impediria nem o professor, mais a questão social que teria que ter um entendimento maior sobre a dança (Mateus).

Não. Assim, acho que tem dois problemas: o primeiro é a falta de preparo nosso e o problema da resistência que eu acho que vai ter por parte dos alunos, depende da série, da idade acho que a resistência é maior. Quanto mais velho mais resistência vai ter, mas se tiver um planejamento que seja mudado essa rotina na escola, acho que pode ser feita em qualquer espaço. (Luzia).

Nestas falas, fica claro o predomínio do preconceito que a sociedade tem do ensino da dança para os alunos do sexo masculino. E, como vimos anteriormente, o preconceito que existe por parte das crianças em não querer aceitar a dança, surge em sua grande maioria, no ambiente familiar. A dança é vista, neste caso, como uma prática feminina, onde as mulheres que possuem as supostas características de serem mais delicadas, é que estariam “aptas” para dançarem.

Questões de gênero, entre outras, podem ser problematizadas por meio de atividades, enquanto momentos, nos quais o mundo compreendido pelos alunos é elaborado, contestado, dramatizado e experimentado. São momentos em que os alunos podem interpretar diversos papéis com situações que envolvem o seu cotidiano. Por isso trabalhar com aulas co-

educativas em Educação Física, contribui para desmistificar a ideia de que meninos são melhores que meninas em certas situações e vice-versa.

A perspectiva co-educativa no ensino da dança contribui na desmistificação de esteriótipos que no decorrer dos tempos foram criados, com relação aos movimentos ditos masculinos e os movimentos ditos femininos. De acordo com Saraiva-Kunz (1996), a co-educação deve ser pensada como uma prática que instrumentaliza o aluno para adentrar nas “relações de sentido no contexto social” para então problematizar esses esteriótipos estabelecidos. Segundo a autora, isso é importante, para que se entenda uma possível vontade de dançar em meninos e de jogar futebol em meninas. Para que essas vontades não sejam recriminadas ou discriminadas o professor precisa saber lidar com essas diferenças, por exemplo, a agilidade dos meninos e a delicadeza das meninas.

A aula de Educação Física, neste caso, visa o respeito às diferenças, buscando o reconhecimento das potencialidades existentes em cada um, proporcionando a socialização entre os alunos. É nesse sentido que a aula propicia um ambiente oportuno à aprendizagem partindo das diferenças, onde o importante, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da E.B.M. Padre João Alfredo Hohr, é flexibilidade na hora de propor as atividades a fim de “atender aos diferentes interesses, o encorajamento na resolução de questões complexas, o estímulo à criação, a demonstração de entusiasmo pelas idéias dos alunos [...]”. Desta forma, é possível oportunizar aos alunos experiências de cooperação, onde a diferença não é considerada elemento de exclusão, mas sim, um elemento de formação, onde o aluno pode aprender com o outro.

4.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação acadêmica é um assunto que geralmente está em evidência quando se fala na formação de professores. Neste trabalho foi questionado aos entrevistados sobre os fatores que impeça ou dificulte um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas; se eles sentem-se preparados para ministrar aulas depois de formados. Obtiveram-se algumas respostas como a questão da formação acadêmica, currículo e o fato de a escola não apoiar o professor, quando este quer trabalhar com a dança em suas aulas.

Marques (2003), questiona o ensino de dança sobre qual disciplina deveria ser responsável por este conteúdo, seria Educação Física ou Artes? Quem ministraria essas aulas: bacharel em Dança, Licenciatura em Educação Física, Artes ou a Pedagogia? Essas são dúvidas que ainda permeiam a sociedade acadêmica.

A justificativa para a ausência da dança quase sempre é a mesma: os acadêmicos não se sentem preparados para desenvolver este conteúdo em suas aulas. Conforme podemos perceber nas respostas de algumas das acadêmicas entrevistadas com relação à dança como um possível conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física bem como da sua preparação para ministrar aulas desse conteúdo.

Sim, eu acredito. Eu acredito que para que aconteça esse ensino é preciso ter um professor que já tenha experiência com dança, porque particularmente não é uma coisa que eu ensinaria nas minhas aulas de Educação Física. Eu acho que tem que ter experiência, o principal é ter experiência [...] Um professor que tenha uma boa graduação, que tenha tido uma experiência durante a vida em dança. (Beatriz).

Não me sinto, até porque como eu não tive vivências referente a dança eu acho muito complicado, e a parte acadêmica não me proporcionou conteúdo necessário. (Maria).

O fato da pessoa já ter vivenciado a dança influencia para que este venha a trabalhar com esse conteúdo em suas aulas. Sobre isso, vale ressaltar que quando uma pessoa vivencia a dança desde cedo, pode influenciar futuramente sobre os conteúdos que este professor queira abordar com seus alunos. Mas não se pode considerar a vivência ou experiência do professor um fator decisivo para que o ensino da dança aconteça. Importante frisar que ao professor de Educação Física cabe apresentar aos alunos as mais variadas formas que fazem parte da cultura de movimento. Os alunos não podem ser privados de conhecimentos, pelo motivo de o professor ter tido ou não experiências durante a vida e a dança, como parte desses conhecimentos, deve ser trabalhada nas escolas, como pode-se notar na resposta de uma das acadêmicas entrevistadas quando indagada sobre a dança enquanto um conteúdo da Educação Física escolar.

A dança é um conteúdo da Educação Física, ela deveria estar presente em todas as escolas nas aulas de Educação Física, mas a gente não vê isso por causa da hegemonia dos esportes. Eu acho que a dança deve estar no planejamento do professor porque o objetivo é levar os conteúdos da Educação Física aos alunos na escola, então deve estar no planejamento de todo professor, indiferente se for 1ª ou 7ª tem que estar no planejamento da escola, do PPP da EF deveria ter, mas eu acho que é bem complicado de ter por causa da nossa formação que não prepara a gente, por causa da hegemonia do esporte, que quando se quer levar alguma coisa diferente já é uma resistência maior (Luzia).

A acadêmica demonstra sua preocupação com relação ao conteúdo dança durante as aulas de Educação Física, para ela, a dança deve ser ensinada assim como os esportes são ensinados durante esta disciplina. Os alunos não podem continuar sendo privados de conhecerem outras culturas de movimentos, que vão além das modalidades esportivas.

Sabe-se que a dança como um conteúdo da Educação Física escolar raramente é ensinada nas escolas. O que geralmente se tem são apresentações esporadicamente, em datas festivas, festa junina, dia das mães, pais, ou em dias cívicos. Para Saraiva *et al.* (2007b), é preciso repensar essas datas comemorativas a fim de entender esses momentos como propícios “de integração, de celebração e de lazer” (p.148). A dança, assim como os jogos, os esportes, as lutas e as ginásticas, fazem parte da cultura de movimento, e por fazerem parte dessa cultura precisam ser desenvolvidas nas escolas, a fim de proporcionar aos alunos novas vivências.

Para algumas acadêmicas entrevistadas quando perguntado sobre sua preparação para ministrar aulas de dança na escola, teve-se como resposta que a dança deve ser desenvolvida na escola, porém uma dificuldade encontrada seria por questões de currículo:

Não, porque no nosso curso tivemos apenas um semestre, por isso não me sinto preparada, mas não que eu não possa trabalhar com a dança (Bruna).

Infelizmente eu não me sinto preparada. Acredito que se eu for abordar o conteúdo dança nas minhas aulas vou ter que me informar mais. Isso não é culpa da disciplina em si e nem da professora, e sim do currículo. Os conteúdos não estão ligados um com outro, a disciplina Dança é isolada das outras disciplinas, uma não tem ligação com a outra. Acredito que é por questões de currículo que precisam ser melhoradas. É preciso pensar no currículo como um todo e não isolado como acontece na dança no nosso currículo atual (Franciele).

No curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC, a disciplina de Dança é pensada de maneira que possibilite aos acadêmicos “adquirirem” a experiência, que acredita-se ser suficiente para que um professor inicie a dança na escola enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física. A formação acadêmica é o ponto inicial para o ensino de determinados conteúdos para os alunos, mas não se pode depositar toda responsabilidade nela. Ao professor cabe a tarefa de atualizar-se e buscar, se necessário, se aprofundar em determinado conteúdo que queira ensinar aos alunos. Não necessariamente o professor precisa saber fazer tudo sobre todos os conteúdos da Educação Física, mas precisa saber ensinar. A técnica de um gesto ou um passo de dança pode ser apresentado aos alunos por meio de

ferramentas de auxílio: um vídeo, ou uma pessoa que saiba sobre o assunto, pode ser um convidado a ir a escola e apresentar determinado conteúdo aos alunos.

Sabe-se que numa escola nem sempre o professor de Educação Física irá encontrar condições apropriadas para desenvolver por exemplo o vôlei ou o futebol, muitas escolas não disponibilizam de materiais para essas práticas esportivas e no entanto são essas as práticas mais desenvolvidas por esses professores. Percebe-se que o fato de a dança não estar sendo desenvolvida na escola não pode ser justificada pela falta de materiais ou de uma sala adequada. Essa é uma justificativa que acaba por não ter fundamento, como pode-se perceber numa das respostas de uma das acadêmicas entrevistadas:

[...] existe sim questão de infraestrutura, aliás, primeiramente a gente pensa que precisa de um som, de um espaço de um espaço adequado e tudo mais, mas como a gente sabe que a realidade não é essa que oferece a escola. Acredito que isso não é um impedimento, mas que a dança pode ser improvisada, conseguir fazer um batuque natural não precisa de um som mecânico para isso. Eu vou tentar trabalhar com as minhas possibilidades que a escola tiver, não acho que tem alguma coisa que impeça. A tentativa é válida para tudo (Franciele).

Com isso, percebe-se que questões de infraestrutura não são consideradas empecilhos para desenvolver a dança no ambiente escolar, neste caso, cabe ao professor querer abordar esse conteúdo em suas aulas.

O fato de ainda hoje as escolas não valorizarem a dança como um conteúdo da Educação Física escolar, é motivo suficiente para que a mesma não venha a ser desenvolvida. Isso pode ser observado na resposta de um dos acadêmicos entrevistado quando questionado sobre os possíveis motivos que impeçam ou dificultam um professor de Educação Física de trabalhar com a dança:

[...] muitas das escolas não apóiam o professor quando o professor quer optar por esse conteúdo nas aulas dele. Ainda se tem muita vulgarização da dança dentro da escola, isso porque a gente vê hoje ai o pessoal que quer dançar a “piriguete” [...] (Felipe).

Conforme Saraiva *et al.* (2007a), a dança tem percorrido um trajeto que caminha lado a lado com a vida. Muitas vezes, esse caminho faz com que a vida e a dança “se distanciam, se cruzam, se entrelaçam”. De acordo com as autoras, “a dança é considerada a prima pobre da arte e, como tal, seu reconhecimento é muito recente, restando ainda, uma considerável confusão a esse respeito tanto para o público como para os/as bailarinos/as” (p.

102). Hoje a dança, em sua grande maioria, se tornou uma prática a ser imitada, a própria mídia divulga determinados tipos de dança que são apresentadas a sociedade como sendo essa a única maneira de se dançar, e que qualquer dança diferente daqueles modelos estereotipados não são consideradas dança. Dessa forma, tem-se um modelo de dança descontextualizado de seus significados enquanto arte e expressão. E é nesse sentido que Garaudy (1980), em seu livro fala de “como a dança se tornou uma língua morta”.

Ao professor de Educação Física fica a tarefa de desmistificar a ideia de que dança é somente aquela que se vê na televisão. A dança, como diz Saraiva *et al.*, é arte, é expressão, dessa forma deve ser apresentada aos alunos como momento de conhecimento de si mesmo e do outro.

5 SOU PROFESSOR! E AGORA? ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sou professor! E agora?” é um momento do trabalho de conclusão do curso que tem o intuito de enfatizar o ensino da dança nas aulas de Educação Física pensando nos futuros professores.

Em relação aos objetivos da pesquisa percebeu-se que os acadêmicos entrevistados demonstraram preocupação e certo receio de trabalhar a dança nas suas aulas de Educação Física, tanto que nenhum dos entrevistados desenvolveu a dança como um conteúdo de suas aulas durante seus estágios obrigatórios. Os motivos por eles apresentados foram vários, entre estes motivos, os que se destacaram foram a hegemonia dos esportes, questões de gênero e dança nas escolas e por fim a formação de professores.

O esporte é uma das manifestações da cultura de movimento que mais se popularizou, desde a época que a Educação Física surgiu com o objetivo de preparar os indivíduos para terem corpos saudáveis e fortes. O fato da disciplina Educação Física, já ter incorporado em seu histórico o esporte quase como sinônimo, foi considerado pelos acadêmicos um fator que dificulta a inserção da dança como um conteúdo durante suas aulas. Por isso, se faz necessário que aos poucos, os professores corroborem para desmistificar a ideia de que a aula de Educação Física se resume aos esportes com bola, mais especificamente ao futebol. É de suma importância que o professor apresente aos seus alunos outras culturas de movimento que vão além da quadra poli esportiva.

Com relação a dança nas escolas e a questão do gênero verificou-se que a dança enquanto um conteúdo a ser ensinado ainda possui certo “pré conceito”, pois como verificou-se na pesquisa, essas questões de gênero foram e continuam sendo criadas, de certa forma, pela sociedade, pela família e algumas vezes, até mesmo por professores das instituições de ensino. Enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física a dança desenvolve nos alunos a criticidade e a expressão de movimentos. Com a dança, os alunos podem expressar o que sentem a partir de movimentos criados por eles mesmo. A dança é uma prática que homens e mulheres, meninos e meninas podem participar, e que a aula de Educação Física é considerada como o “pontapé inicial” para desmistificar os movimentos estereotipados pela sociedade, como sendo masculinos ou femininos, possibilitando aos alunos conhecerem e vivenciarem outras práticas da cultura de movimento.

Sobre a formação de professores é importante frizar que assim como as disciplinas esportivas (basquetebol, futebol, handebol, vôleibol, entre outras), a dança também foi

apresentada aos acadêmicos em apenas um semestre. Acredita-se que por acontecerem em apenas um semestre não seria motivo para justificar a ausência deste conteúdo nas escolas. Outro fator que para os acadêmicos pode vir a influenciar a não trabalharem a dança como um conteúdo de suas aulas, seja o fato talvez de não terem vivenciado tal arte em sua época de escola, por exemplo, o professor tende a ministrar aulas baseadas em suas experiências de vida enquanto aluno. Isso não deve limitar as aulas desses acadêmicos, pois ao professor de Educação Física cabe apresentar as variadas formas existentes da cultura de movimento, independentemente se estes tem mais ou menos afinidade com determinada prática. Por isso, trabalhar com a dança improvisação, pautada na criatividade e na expressividade dos movimentos, é uma possibilidade de desenvolver nos alunos a criticidade a partir dos movimentos criados por eles. Além do mais, o professor não necessita ser um “dançarino”, basta ele compreender a importância da dança enquanto um conteúdo das aulas de Educação Física.

Ainda conforme os objetivos proposto nesta pesquisa, alguns acadêmicos entrevistados valorizam a dança enquanto um conteúdo da Educação Física escolar afirmando que a mesma deve fazer parte do Projeto Político Pedagógico das instituições de ensino. Neste caso, as instituições de ensino, os professores de todas as áreas do conhecimento precisam reconhecer/conhecer a dança enquanto educação, enquanto um conteúdo da Educação Física. Fica ao professor desta disciplina a tarefa de apresentar a dança enquanto uma cultura de movimento, que homens e mulheres, rapazes e moças, meninos e meninas podem dançar sem a distinção de movimentos estereotipados, ditos masculinos ou femininos.

É nessa perspectiva, que a co-educação, uma prática onde meninos e meninas tem a possibilidade de vivenciarem as mesmas manifestações da cultura de movimento, oportuniza a ambos elaborarem seus pensamentos e sentimentos a respeito de si e também dos outros, permitindo que os alunos trabalhem em conjunto. O ambiente pedagógico precisa ser pensado a partir de reflexões sobre as diferenças, visando um planejamento que passe pelas experiências dos alunos. Ao professor cabe incentivar este ambiente que os alunos a partir de suas experiências criam, a fim de estabelecer uma relação entre e com os alunos. Por isso, a proposta de aulas co-educativa é considerada como uma boa alternativa de trabalhar com os alunos estas questões de gênero que estão presentes entre eles e que se evidenciam nas aulas de Educação Física.

Aos futuros professores e mesmo os já formados cabe sempre estarem se atualizando e pesquisando sobre os conteúdos. Surge desse modo a importância dos professores buscarem uma formação continuada. Os cursos de formação continuada visam

promover encontros entre os professores, oportunizando a eles compartilharem, socializarem e refletirem sobre suas experiências de ensino. Assim como a escola deve sempre estar se atualizando, os professores, não somente os da disciplina de Educação Física, mas todas as áreas do conhecimento necessitam de uma formação continuada. A universidade serve como “base” para a formação de professores, sendo de responsabilidade do Estado e do Município oferecerem cursos de formação continuada sistematicamente a esses professores.

Acredita-se que para que se possa desenvolver a dança como um conteúdo nas aulas de Educação Física é necessário que os professores e demais formadores das escolas repensem e reconheçam nessa cultura de movimento possibilidades de ensino. A dança não pode mais ser vista como um evento isolado, que acontece somente em datas comemorativas e dias cívicos. É preciso criar um olhar diferenciado sobre o ensino da dança, um olhar crítico, onde a dança possa ser vista como uma arte de expressar-se em sensações e sentimentos, onde a formação de pessoas capazes de refletir e pensar sobre aquilo que fazem é que seja o mais importante.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Débora. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC / SEF, 1998.
- BRASILEIRO, Livia T. O Conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 6, p. 45 – 58, Jul/Jun., 2002 – 2003.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DANTAS, Mônica. **Dança: o enigma do movimento**. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1999.
- FERRAZ, Mildred A.; SOTERO, Osvaldo L. **Dança para Criança na Educação Física Escolar**. Anais de XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte, Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de Set. 2009.
- FIAMONCINI, Luciana; SARAIVA, Maria do C. Dança na Escola a Criação e a Co-Educação em Pauta. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 1**. 4ª ed. – Ijuí: Unijuí, 2006, p. 95-118.
- FIAMONCINI, Luciana. **Dança na Educação: a busca de elementos na arte e na estética**. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2003.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a Vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- GONÇALVES, Elisa P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. Campinas, São Paulo: Alínea, 2007.
- GONZÁLEZ, Fernando J.; FENSTERSEIFER, Paulo E. Entre o “Não Mais” e o “Ainda Não”: pensando saídas do não-lugar da Educação Física Escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1 Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009.
- KUNZ, Elenor. Atletismo. In: KUNZ, Elenor. **Didática da Educação Física 1**. 4ª ed. – Ijuí: Unijuí, 2006, p. 19-54.
- KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí, 1994.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

MINAYO, Maria C. de S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2006.

PATRÍCIO, Suéllen R. *et al.* Brasil e Argentina: estudo comparativo sobre conteúdos da educação física escolar e questões de gênero. (In): MATIELLO Jr. Edgard; CAPELA, Paulo R.; BREILH, Jaime. **Ensaio alternativos Latino-Americanos de Educação Física, Esportes e Saúde**. Florianópolis: Copiart, 2010.

PEREIRA, Mariana L.; HUNGER, Dagmar, A. C. F. Limites do ensino de dança na formação do professor de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.4 p.768-780, out./dez. 2009.

SARAIVA, Maria do C. *et al.* Alguns significados e contextos na análise da dança numa pesquisa-ação. In: FALCÃO, José L. C. ; SARAIVA, Maria do C. **Esporte e Lazer na Cidade: a prática teorizada e a teoria praticada**. v. 2, (101-131) Florianópolis: Lagoa, 2007a.

SARAIVA, Maria do C. *et al.* Vivências em dança. Compreendendo as relações entre dança, lazer e formação. **Esporte e Lazer na Cidade: práticas corporais re-significadas**, v. 1, (141-170) Florianópolis: Lagoa, 2007b.

SARAIVA, Maria do C. *et al.* Dança e seus elementos constituintes: uma experiência contemporânea. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (orgs). **Práticas Corporais: experiências em Educação Física para a outra formação humana**, vol 3., (p. 115-133) Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005a.

SARAIVA, Maria do C. *et al.* Ensinar e aprender em dança: evocando “relações” em uma experiência contemporânea. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (orgs). **Práticas Corporais: experiências em Educação Física para a outra formação humana**, vol 2., (p. 61-78) Florianópolis: Nauembla Ciência e Arte, 2005b.

SARAIVA-KUNZ, Maria do C. Educação Física e Coeducação. **Diretrizes Curriculares para a Educação Física no Ensino Fundamental e na Educação Física Infantil da Rede Municipal de Florianópolis**, 1996, p.120 – 130.

SAYÃO, Deborah T. A Construção de Identidade e Papéis de Gênero na Infância: articulando temas para pensar o trabalho pedagógico da Educação Física Infantil. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, 1-14, jun/jul.2001-2002.

SILVA, Priscila E. **Limites E Possibilidades Da Dança Nas Aulas De Educação Física: uma investigação junto aos/às professores/as do Instituto Estadual de Educação/SC**. Monografia. Florianópolis, 2010.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIRA, Sueli (Org.) **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papirus, 2001.

VAGO, Tarcísio M. Pensar a Educação Física na Escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1 Campinas: CBCE e Autores Associados, 2009.

VAZ, Alexandre F. *et al.* Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.33, n.3, p. 499-512, set./dez. 2007.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- BERGERO, Verónica A. **Indústria Cultural e Dança: superando cisões e reinventando humanidades na Educação Física.** Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 2006.
- BEUREN, Ilse M. *et al.* **Como Elaborar Trabalhos Monográficos em Contabilidade: teoria e prática.** 3º ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- CASTRO, Daniela L. O aperfeiçoamento das técnicas de movimento em Dança. **Movimento.** Porto Alegre, v. 13, n.1, p. 121-130, jan./abril., 2007.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.
- FIAMONCINI, Luciana; LIMA, Elaine C. P. Dançando na Escola, Politizando a Dança: um estudo sobre o projeto Dança Escolar da Prefeitura Municipal de São José. **Motrivivência** Ano XVI, n. 23 p. 29-41 Dez., 2004.
- JUNIOR, Lázaro M. G.; LIMA, Lenir M. de. Educação Estética e Educação Física: a dança na formação de professores. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 6, p. 31 – 44, jul./jun., 2001-2002.
- MARQUES, Isabel. A. Dançando na escola. **Motriz** – v. 3, n. 1, junho/1997.
- SAINT-GEORGES, Pierre de. Pesquisa crítica das fontes de documentação nos domínios econômico, social e político. In: ALBARELLO, Luc *et al.* **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais.** Portugal: Gradiva, 2003.
- SARAIVA, Maria do C. Meninas e Meninos dançando: um diálogo possível nas aulas de Educação Física. **PAIDÉIA – Rev. Brasileira de Ensino de Artes e Educação Física.** Natal, v.1, n.1, p.114 – 220, dez. 2005.
- SARAIVA, Maria do C. **Co-Educação Física e esportes: quando a diferença é mito.** Ijuí: Unijuí, 2005.
- SARAIVA-KUNZ, Maria do C. *et al.* **Improvisação e Dança: conteúdos para a dança na Educação Física.** Florianópolis: UFSC, 1998.
- TOBAR, F.; YALOUR, Margot R. **Como fazer teses em saúde pública.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.
- VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** (33), p. 265-283, jul./dez. de 2009.
- VIANNA, Klauss. **A dança.** São Paulo: Siciliano, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista

1. O que é dança para você?
2. Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação)
3. Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?
4. Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como? Por quê?
5. Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?
6. Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?
7. Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?
8. Para você, existe algum fator ou fatores que o impeça de trabalhar a dança nas aulas de Educação Física? Quais?

APÊNDICE B – Entrevistas

Entrevista Beatriz

O que é dança para você?

R.: A dança é um movimento do corpo, e eu acredito que através dela as pessoas podem expressar aquilo que estão sentindo naquele momento.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Eu tive experiência em dança num colégio público, (Escola Estadual Irineu Bornhauser), acho que foi da 1ª a 4ª série, onde eu participava de grupo de dança e eram apresentações em datas festivas: festa Junina, Natal, Dia das Mães, etc. Então o professor de Educação Física tinha a dança fazendo parte do currículo dele? Não, ela acontecia a parte, num horário contrário a aula. E na formação acadêmica, tive dança em um semestre só.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Sim, eu acredito. Eu acredito que para que aconteça esse ensino é preciso ter um professor que já tenha experiência com dança, porque particularmente não é uma coisa que eu ensinaria nas minhas aulas de Educação Física. Eu acho que tem que ter experiência, o principal é ter experiência. Para você então, teria que ser um professor formado em dança e que já tenha tido alguma experiência em dança? Um professor que tenha uma boa graduação, que tenha tido uma experiência durante a vida em dança.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não trabalhei justamente pela falta de experiência, pela falta da formação acadêmica.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não me sinto preparado(a) por falta de uma formação.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Eu não vou dizer que nunca né, mas quem sabe uma vez ou outra trabalharia sem problema algum, mas vai ser difícil. E como seria esse ensino? Seria mais esporadicamente, em datas festivas.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Eu acho que através da dança, eles podem expressar aquilo que estão sentindo naquele momento, além de conhecer melhor o corpo, os movimentos que podem ser capazes de fazer, ele podem se descobrir.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Para mim, eu acho que existem fatores que impedem sim. Primeiro a minha formação em dança não foi boa. Você acha que o currículo do curso não deu conta de abranger tudo sobre a dança? É um semestre é pouco tempo, e eu acho que a dança que tivemos não é uma dança que vamos abordar na escola, sinceramente eu acho que não. Acho que um outro fator que vá impedir na prática é a questão do gênero. Acho que os meninos não vão querer aceitar a

dança como um conteúdo. Você falou que a dança que você teve durante a graduação não seria um “tipo” dança a ser ensinada nas escolas, então para você, qual seria o “tipo” de dança para ser trabalhada nas escolas? É porque na verdade a dança que tivemos ali são ritmos que nem a gente tinha conhecimento, teve aquela dança improvisação de ritual...eu não saberia dizer qual a dança, mas acho que a dança improvisação não seria. E sobre a questão do gênero, você acha que a dança é para meninas? Não, eu não acho. Acho que é uma coisa para meninos e meninas, mas acho que se a gente for propor a dança nas aulas de educação física eu acredito que os meninos não vão querer participar das aulas.

Entrevista Bruna

O que é dança para você?

R.: Eu não tenho muito estudo sobre dança, mas eu acho que é uma forma de expressão cultural, corporal, pessoal.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Eu tive antes de entrar na faculdade, Quando era criança eu fiz jazz, mas depois na faculdade eu só tive uma disciplina em dança. E como era a sua aula de dança (vida pessoal)? As aulas eram particular, fora do ambiente escolar.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Com certeza, ela é uma das formas de expressão que faz parte da Educação Física, e ela com certeza deve ser ensinada. Eu acho que ela pode ser ensinada como um conteúdo, depende do que o professor vai trabalhar em um ano, em um semestre, mas eu acho que seria inserida como o vôlei, como o basquete.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Trabalhamos com a 2ª série com um conteúdo que a gente percebeu que eles não tinham que eram Jogos e Brincadeiras e Ginástica, assim não tivemos tempo de dar outros conteúdos.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não. Porque no nosso curso a gente teve um semestre, eu não me sinto preparada, mas não que não possa trabalhar com a dança.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Pretendo. Quando eu for atuar como professora eu quero tratar ele como um conteúdo qualquer da Educação Física.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: De cultura, de expressão, é, conhecimentos culturais, diferentes formas de dança.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Eu acho que pela formação neh que nós temos que não é uma formação para a dança, e também é difícil trabalhar na escola porque tem o preconceito dos meninos de não querer

dançar. Não é uma prática que a gente vê na escola, tudo que é novo é mais difícil de ser incluso nas aulas de Educação Física, e os alunos só vão querer jogar bola.

Entrevista Felipe

O que é dança para você?

R.: Para mim dança são movimentos que a gente faz com o corpo obedecendo ou não algum ritmo de música ou qualquer outro ritmo possível que tu possa expressar uma dança de diversas formas.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Tive na escola em Festa Junina, essas coisas, dia das mães, pais, mas só. Na formação só durante as aulas no curso, na disciplina de Dança e de Educação Física na Infância.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Eu acho que sim. Acho que a dança pode vir com um caráter educacional muito forte, a gente pode trabalhar diversas coisas como gênero, relação entre menino com menino, menina com menina ou menino e menina. Então a dança tem todo um caráter educacional, da para trabalhar diversas coisas, mas o que a gente vê hoje nas escolas é aquela questão que a dança é mais em gincana e tal ou como uma coisa muito vulgar, não dentro de uma parte educacional, poderia tá no currículo.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não, porque eu já tinha um outro planejamento mas não é nada contra não, mas é que não tava dentro do meu planejamento.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não, não sei. Acho que não é uma coisa que eu goste tanto, talvez eu possa, se eu for dar aulas, eu dando aula de EF e for trabalhar com o conteúdo da dança, acho que eu vou ter que ir muito mais da minha capacidade para dar uma aula boa, vou ter que chamar alguém que saiba. A questão do básico a gente pode passar, a questão do ritmo.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Pode ser sim um conteúdo das minhas aulas, mas o problema é que muitas escolas não vê a dança como conteúdo e isso atrapalha um pouco, isso a partir da minha experiência que eu to a quatro anos dando aula.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Expressão corporal, ritmo, criatividade, ludicidade, amizade, tudo, relações entre os alunos no colégio.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Tem, as escolas, muitas das escolas não apóiam o professor quando o professor quer optar por esse conteúdo nas aulas dele. Ainda tem muita vulgarização da dança dentro da escola, isso é porque a gente vê hoje aí o pessoal que quer dançar a “piriguete”, na real não tem apoio da escola.

Entrevista Fernanda

O que é dança para você?

R.: Dança é o movimento do corpo, que pode ser o jeito mais fácil das pessoas interagirem, para perder a vergonha.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Dança só na escola em datas comemorativas e depois só na graduação.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Acredito que sim. Eu acredito que possa meio que romper/quebrar preconceitos.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Eu não sei assim porque primeiro que o nosso tema abordado no estágio foi capoeira. E não teve muito essa opção de dar aula, e sei lá, muita coisa(aulas) para dar em pouco tempo de aula.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Sim, tenho uma noção de dança, mas para ser professora de dança não. Não me sinto muito preparado(a).

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Eu pretendo na realidade, mas não que eu vá trabalhar. É que nem uma disciplina, a gente tem mais ou menos seis meses de dança, a gente tem uma noção, mas não vamos dar um semestre inteiro de dança né, algumas aulas, mas pretendo. Sei que é muito difícil romper com as barreiras, mas eu pretendo na realidade, não me sinto muito preparada, mas pretendo. Você imagina como seria esse ensino de dança? Eu acredito que não especificamente com uma aula de dança, um semestre de dança porque ficaria muito complicado. A Educação Física ainda é muito voltada para o esporte, mas a ideia é de incluir aos poucos, coloca a dança num aquecimento depois no começo meio que para as crianças perderem a vergonha

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: E acho que esse negocio de perder a vergonha, de socialização, conhecimento corporal.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Não que impeça assim, mas que dificulte é essa coisa do passado né principalmente os meninos “dança, dança é coisa de menina”. Existe o preconceito mas que vá impedir não. Pode atrapalhar.

Entrevista Franciele

O que é dança para você?

R.: Eu entendo que dança é um elemento da cultura corporal e através dela a gente pode conhecer a si mesmo conhecer os outros, demonstrar nossas expressões, nossos sentimentos.

dançar. Não é uma prática que a gente vê na escola, tudo que é novo é mais difícil de ser incluso nas aulas de Educação Física, e os alunos só vão querer jogar bola.

Entrevista Felipe

O que é dança para você?

R.: Para mim dança são movimentos que a gente faz com o corpo obedecendo ou não algum ritmo de música ou qualquer outro ritmo possível que tu possa expressar uma dança de diversas formas.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Tive na escola em Festa Junina, essas coisas, dia das mães, pais, mas só. Na formação só durante as aulas no curso, na disciplina de Dança e de Educação Física na Infância.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Eu acho que sim. Acho que a dança pode vir com um caráter educacional muito forte, a gente pode trabalhar diversas coisas como gênero, relação entre menino com menino, menina com menina ou menino e menina. Então a dança tem todo um caráter educacional, da para trabalhar diversas coisas, mas o que a gente vê hoje nas escolas é aquela questão que a dança é mais em gincana e tal ou como uma coisa muito vulgar, não dentro de uma parte educacional, poderia tá no currículo.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não, porque eu já tinha um outro planejamento mas não é nada contra não, mas é que não tava dentro do meu planejamento.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não, não sei. Acho que não é uma coisa que eu goste tanto, talvez eu possa, se eu for dar aulas, eu dando aula de EF e for trabalhar com o conteúdo da dança, acho que eu vou ter que ir muito mais da minha capacidade para dar uma aula boa, vou ter que chamar alguém que saiba. A questão do básico a gente pode passar, a questão do ritmo.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Pode ser sim um conteúdo das minhas aulas, mas o problema é que muitas escolas não vê a dança como conteúdo e isso atrapalha um pouco, isso a partir da minha experiência que eu to a quatro anos dando aula.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Expressão corporal, ritmo, criatividade, ludicidade, amizade, tudo, relações entre os alunos no colégio.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Tem, as escolas, muitas das escolas não apóiam o professor quando o professor quer optar por esse conteúdo nas aulas dele. Ainda tem muita vulgarização da dança dentro da escola, isso é porque a gente vê hoje aí o pessoal que quer dançar a “piriguete”, na real não tem apoio da escola.

Entrevista Fernanda

O que é dança para você?

R.: Dança é o movimento do corpo, que pode ser o jeito mais fácil das pessoas interagirem, para perder a vergonha.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Dança só na escola em datas comemorativas e depois só na graduação.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Acredito que sim. Eu acredito que possa meio que romper/quebrar preconceitos.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Eu não sei assim porque primeiro que o nosso tema abordado no estágio foi capoeira. E não teve muito essa opção de dar aula, e sei lá, muita coisa(aulas) para dar em pouco tempo de aula.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Sim, tenho uma noção de dança, mas para ser professora de dança não. Não me sinto muito preparado(a).

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Eu pretendo na realidade, mas não que eu vá trabalhar. É que nem uma disciplina, a gente tem mais ou menos seis meses de dança, a gente tem uma noção, mas não vamos dar um semestre inteiro de dança né, algumas aulas, mas pretendo. Sei que é muito difícil romper com as barreiras, mas eu pretendo na realidade, não me sinto muito preparada, mas pretendo. Você imagina como seria esse ensino de dança? Eu acredito que não especificamente com uma aula de dança, um semestre de dança porque ficaria muito complicado. A Educação Física ainda é muito voltada para o esporte, mas a ideia é de incluir aos poucos, coloca a dança num aquecimento depois no começo meio que para as crianças perderem a vergonha

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: E acho que esse negocio de perder a vergonha, de socialização, conhecimento corporal.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Não que impeça assim, mas que dificulte é essa coisa do passado né principalmente os meninos “dança, dança é coisa de menina”. Existe o preconceito mas que vá impedir não. Pode atrapalhar.

Entrevista Franciele

O que é dança para você?

R.: Eu entendo que dança é um elemento da cultura corporal e através dela a gente pode conhecer a si mesmo conhecer os outros, demonstrar nossas expressões, nossos sentimentos.

comemoração, principalmente nas datas comemorativas de alegrias ou de tristezas. Acho que é um conteúdo que o homem vem desenvolvendo.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Na minha vida pessoal eu fiz jazz quando era pequena, street dance também. E na formação eu tive aula de dança em um semestre. E também dei aula de hip hop e street dance, na verdade não era eu quem dava a aula, eu dava mais a parte do histórico, não a prática em sim. Onde você fez jazz e street dance? Na Elasi, não era na escola, era uma aula a parte. A experiência que eu tive ali me ajudou a ministrar as aulas que eu dou, não tanto da minha formação. Durante a disciplina a gente viu um pouco de hip hop, um trabalho feito por nós, que ajudou, mas não a disciplina de dança.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Sim, a dança é um conteúdo da Educação Física, ela deveria estar presente em todas as escolas nas aulas de Educação Física, mas a gente não vê isso por causa da hegemonia dos esportes. Eu acho que a dança deve estar no planejamento do professor porque o objetivo é levar os conteúdos da Educação Física aos alunos na escola, então deve estar no planejamento de todo professor, indiferente se for 1ª ou 7ª tem que estar no planejamento da escola, do PPP da EF deveria ter, mas eu acho que é bem complicado de ter por causa da nossa formação que não prepara a gente, por causa da hegemonia do esporte, que quando se quer levar alguma coisa diferente já é uma resistência maior.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Na verdade não. No estágio I eu tinha a proposta de fazer com os alunos a cultura hip hop que levaria a street dance, mas eu acabei não fazendo. Fiz o handebol. No estágio II também acabei desenvolvendo o que o professor já estava desenvolvendo. No estágio I o que a impediu de trabalhar com o hip hop? A turma preferiu que fosse o handebol, justamente por ter essa resistência, por não ter essa cultura da dança na escola.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não. Por tudo que eu já falei, se for para dar aula, por enquanto até agora eu já tô na 8ª fase, e seria mais pela vivência que eu tive na minha vida. A nossa falta de preparo nos faz recorrer as experiências da vida para dar aula.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Pretendo.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Ah conhecimentos que eu acho todo conteúdo da EF vai tratar, além da técnica que cada especificidade de cada esporte, acho que valores de vida, comportamental, de relação social, e tudo isso pode ser transmitido pela dança. Principalmente a dança que é coisa muito sensível assim, uma coisa que tu sente para fazer. Tem a dança automatizada que tu copia, mas a dança é uma coisa que tu sente. Acho que o trabalho com a dança na escola ou em qualquer lugar ela proporciona isso da vivência dos sentimentos bem aflorados.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Não. Assim, acho que tem dois problemas: o primeiro é a falta e preparo nosso e o problema da resistência que eu acho que vai ter por parte dos alunos, depende da série, da idade acho que a resistência é maior, quanto mais velho mais resistência vai ter, mas se tiver um planejamento que seja mudado essa rotina na escola acho que pode ser feita em qualquer espaço.

Entrevista Maria

O que é dança para você?

R.: A dança pra mim é o movimento corporal com o auxílio de uma música alguma coisa assim.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Na vida pessoal não tive nenhum tipo de experiência e referente a acadêmica eu tive uma disciplina que contemplou a dança, mas na minha opinião foi um pouco superficial na parte prática e pra aula em si, nas escolas, mas a parte de improvisação na dança eu achei.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Eu acho que a dança pode sim ser ensinada nas aulas, é como fazer isso eu acho mais complicado, até porque a gente não tem embasamento acadêmico para trabalhar a dança nas escolas e para que tenha um interesse dos alunos também.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Nenhum momento eu trabalhei com a dança, eu peguei uma turma de 6ª série e uma do 2º grau e principalmente o 2º grau para a intervenção de outros esportes já foi super complicado para conseguir fazer o trabalho e na 6ª série a gente trabalhou com os esportes.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não me sinto, até porque como eu não tive vivências referente a dança eu acho muito complicado e a parte acadêmica também não me proporcionou conteúdo necessário.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Na verdade hoje eu não tenho nem pretensão de trabalhar com a licenciatura em Educação Física.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Acho que bastante conhecimento corporal, desenvolvimento e conhecimento do corpo com outra pessoa, é interessante.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Eu acho que a parte cultural ta bem complica. Pelo que a gente tem discutido nos estágios e até nas aulas de Educação Física que eu tive eram só contemplam os esportes e as quatro tipo de modalidades esportivas, então qualquer outro tipo de atividade física que não

esteja dentro desses esportes, que é o básico, é difícil de trabalhar, sendo a dança ou um outro conteúdo.

Entrevista Mateus

O que é dança para você?

R.: Dança para mim, eu como sou do Rio Grande do Sul, representa assim uma cultura então a dança ta envolvida numa questão cultural, seria como o resumo de uma cultura assim expressa em movimentos e ritmos.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Eu tive a oportunidade de fazer dança em outra faculdade, daí tinha a disciplina de dança que mostrava algumas modalidades de dança, mas fáceis no caso, e durante a vida pessoal mas em festas essas coisas assim. No Rio Grande do Sul também tem essa questão bem ligada da dança, todo mundo dança vanerão essas coisas assim então faz parte do dia-a-dia de todo mundo. Na universidade que você estudou a disciplina de dança abordava os diversos tipos de dança: forró, jazz, samba, entre outros? Isso era assim. Tentando explicar o porquê de cada dança, onde surgiu mais essa questão ligada ao Brasil.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Eu acredito que sim, porque Educação Física a princípio já tem essa questão Educação Física, lidar com o corpo, então é algo a mais que poderia ser incluído, mas ainda tendo essa questão cultural assim tem bastante coisa a ser ensinado além do próprio movimento.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Eu trabalhei com a parte de movimentos, mas nada especificamente com dança. Não trabalhei com dança, mas por falta de conhecimento, de ta podendo executar isso passando pra aulas, é mais falha minha do que da própria instituição.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não me sinto porque eu tenho essa coisa assim empírica da dança, não tenho nada mais aprofundado quanto a isso, o que saberia passar seria mais das minhas experiências assim, não alguma coisa mais concreta assim. Eu teria que ta me aprofundando mais nisso para poder dar aulas.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Sem dúvida. Eu acredito que isso é uma coisa que só vem a acrescentar na Educação Física, e com esse meu aprofundar seria algo bem interessante pra ta passando ainda mais porque eu acredito nessa coisa de vivência corporal assim, seria bem interessante.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Eu acho que pode proporcionar aos alunos conhecimento alem dessas questões culturais e etc bem ligada a dança, seria o conhecimento deles mesmos, a própria execução de movimentos, pegar período de formação das crianças parte de questão de coordenação e tudo mais poderia ser desenvolvido. Até a questão da afetividade que as vezes vai ter contato com os colegas que não é uma coisa muito comum hoje em dia que hoje é tudo mais afastado,

a própria dança se a gente for ver no dia-a-dia que eles tão acostumado é uma dança mais afastada assim, eu acho que tudo vem acrescentar.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Eu acho que não existe nenhum fator ligado ao professor de Educação Física, mas a questão social né. Porque se a gente for ver num primeiro momento assim o senso comum as crianças vão ficar “a dança, dança”, até tu conseguir passar pra elas o que seria dança acho que é uma questão mais desse senso comum que elas tem, fazer elas compreender mesmo o que seria isso pra depois ta passando. A Educação Física não impediria nem o professor, mais a questão social que teria que ter um entendimento maior sobre a dança.

Entrevista Paula

O que é dança para você?

R.: É o corpo em movimento.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Em colégio assim. Em eventos festivos, festa Junina. E o que tive de aula de dança foi na graduação, com a dança improvisação, que eu acho bem valida.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Sim. Primeiro tirar o preconceito que tem dos meninos em achar que a dança é para meninas, fazendo alguma adaptação, não levar a dança com a música em si, fazer mais um movimento corporal, não usar o termo dança para inseri – lá, depois quando eles estiverem acostumados daí sim falar em dança, “oh vocês estão dançando”, isso para não haver um pré-conceito né.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Não. Nas nossas aulas teve alguma coisa de encenação, não que a dança seja encenação, mas trabalhamos com mímica, algo bem superficial. Foi uma atividade que a gente fez relacionada com o tema esportes. Os alunos tinham que fazer a mímica relacionada a um esporte, exemplo basquete, onde eles tinha que quicar a bola, acertar na cesta.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não. De repente por falta de interesse meu também, assim eu gosto de dançar, mas não de forma ensinada, não ensinar alguém a dançar. Falta preparo da minha parte.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: Quem sabe, não um bloco de aula, mas quem sabe uma aula, ou alguma apresentação, não descartaria a ideia.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Ah, conhecimentos, assim no geral a aula de dança é a socialização, conhecimento corporal.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Não. Um que existe é o preconceito mas que vá impedir não. Pode atrapalhar. A mesma coisa o futebol, se tirar o futebol ou qualquer outra modalidade da aula de educação física. A dança também tem uma proposta legal.

Entrevista Pedro

O que é dança para você?

R.: Dança pra mim seria uma forma de expressão corporal onde tem muito a ver com a cultura de um determinado do local, cultura de um determinado país, uma região. A dança ela é muito comum assim como uma forma de expressão, de história de expressão do que foi a evolução daquele lugar e também uma expressão corporal acredito eu - uma forma de a gente dialogar de passar uma mensagem através do corpo.

Você tem/teve alguma experiência em dança? (vida pessoal, formação).

R.: Eu tive na 4ª fase do currículo antigo, tive aula com a M. C. onde a gente teve bastante vivência com diferentes ritmos, diferentes tipos de dança na faculdade foi a única experiência que eu tive, fora da faculdade eu fiz uma época duas semanas de dança acabei parando por causa do horário que não batia. Que tipo de dança você fez? Era dança de salão, no início era aula bem pra iniciante básico, e como era final de ano, dezembro, veio o natal e no outro ano já mudou os horários e não consegui manter.

Você acredita que a dança possa ser um conteúdo a ser ensinado nas aulas de Educação Física? Como? Por quê?

R.: Acredito que sim. A dança pode ser incluída num plano de aula num roteiro a ser seguido na escola até porque já faz parte do dia-a-dia da maioria dos alunos. Hoje em dia as crianças desde pequena já em frente a televisão é, já tem contato com a dança, nem sempre o melhor tipo de contato né. Tem muita tem que filtrar bem o que vem da mídia aí, mas assim a dança é um, já tá presente assim né no dia-a-dia da maioria das pessoas então eu acho que ela tem muito a ensinar e também muito a, os professores de Educação Física tem também uma nova forma de ver a dança né, ver qual realmente é o objetivo da dança, passar para as crianças o porquê daquele movimento ou o que significa, por que é daquele jeito, eu acho que é bem interessante.

Durante os estágios supervisionados, você trabalhou com a dança nas suas aulas? Como foi/foram as aulas? Por quê?

R.: Eu não trabalhei, percebi ate uma certa dificuldade de colocar algo novo assim, as escolas estavam muito presas assim aquela aula de quadra, de bola, então foi difícil. Aqui no CDS trabalhando com as crianças especiais eu consegui trabalhar com dança, consegui trabalhar com músicas infantis né, fiz eles dançarem individualmente em duplas eles dançaram com brincadeiras, estafetas, brincadeira de estátua, eu consegui trabalhar e foi bem sucedido assim, uma coisa que deu certo.

Você se sente preparado(a) para ministrar aulas de dança? Por quê?

R.: Não, porque como eu falei, fiz duas semanas de aula e para ministrar uma aula de a dança acho que só mesmo como eu fiz aqui para crianças de uma forma mais lúdica, agora uma aula de dança hoje eu não me sinto preparado.

Depois de formado(a), pretende trabalhar com a dança enquanto um conteúdo das suas aulas de Educação Física?

R.: É depois de formado se eu estiver num âmbito escolar eu acho bem válida a experiência de trabalhar com dança. Acho que a gente trabalhando numa escola e a gente colocando a nossa maneira de pensar conseguindo fazer acontecer dar maneira como a gente pensa acredito que consiga tranquilamente inserir a dança ate porque aquelas crianças a maioria crescem no mesmo colégio na mesma escola e te conhecendo e sabendo como você é ganha mais o respeito delas daí consegue colocar a dança ou atletismo colocar uma atividade diferente, e a dança seria assim bem vinda para mim numa escola.

Para você que tipo de conhecimentos uma aula de dança pode proporcionar aos alunos?

R.: Bom a aula de dança ela pode proporcionar conhecimentos assim de cultura, conhecimentos de expressão corporal de movimento, de habilidades assim como o equilíbrio, o ritmo né. Acredito que seja isso né, os alunos assim criar um espírito de união, a dança consegue fazer isso de unir a turma, consegue criar um ambiente legal.

Para você, existe algum fator ou fatores que impeça ou dificulta um professor de Educação Física de trabalhar com a dança nas escolas? Quais?

R.: Eu acho que o fator hoje que atrapalha um pouco talvez com os professores formados a um tempo atrás, o pouco da experiência que eu tive com escolas que eu passei em algumas já estagiando, eu percebo que os professores ainda são muito, a maioria mais velhos, e tão muito preso assim a velhos conceitos é cada trimestre trabalhar uma modalidade esportiva, primeiro trimestre é futebol, o segundo é vôlei, muitas vezes tem colégios e escolas ai que é futebol o ano inteiro. Eu acho que o dificulta um pouco a dança é isso. Eu acredito ate que essas novas turmas que a gente tem formado aqui pelo menos aqui na UFSC o pessoal já ta saindo com uma mentalidade diferente, tentando inserir novos tipos de atividades novas formas de trabalhar com as crianças então acho que pelo menos pra mim não existiria nenhum fator que dificulta trabalhar com a dança num colégio hoje, seria tranquilo.